



COTRIJORNAL

ANO 11

DEZEMBRO/83 - JANEIRO/84

Nº 110

Crédito

**Desta vez
o subsídio
caiu mesmo**

Última página

Cotrijuí

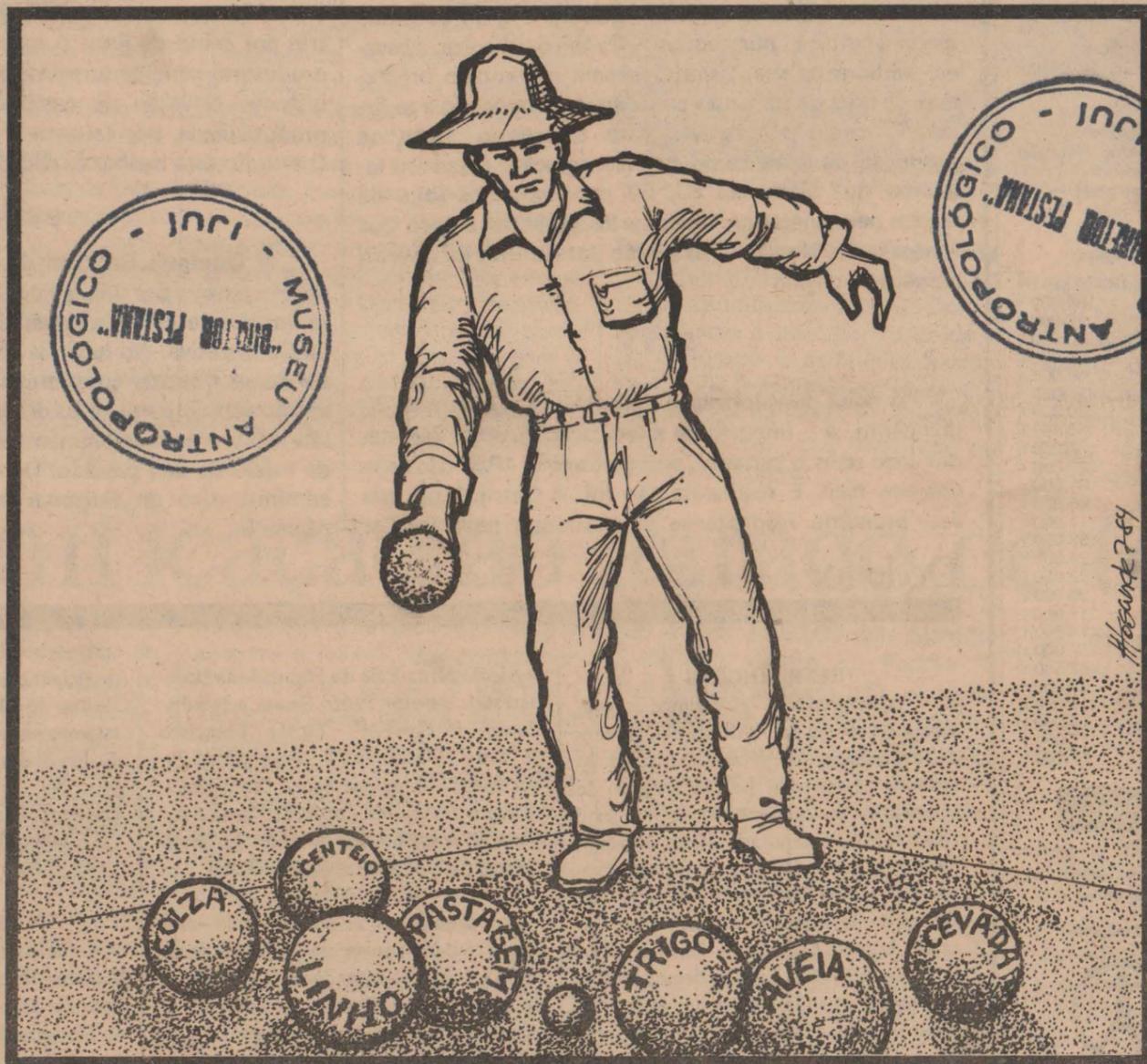
**Um retrospecto
do ano
que passou**

Página 4

Defensivos

**Aplicar
no momento
certo**

Página 7



Heesand 7-84

O trigo perdeu espaços na lavoura. Enquanto isso as forrageiras crescem como alternativas para o inverno. Mesmo assim, metade do solo da região ficou descoberto neste inverno.

UM BALANÇO DAS CULTURAS DE INVERNO

Página 9

COOPERATIVA REGIONAL
TRITÍCOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, 1513
Caixa Postal 111 — Ijuí, RS
Fone: PABX — (055) 332-2400
Telex: 0552199

CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA N° 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente:

Ruben Ilgenfritz da Silva

Vice-presidente:

Arnaldo Oscar Drews

Superintendente:

Clóvis Adriano Farina

Diretores Contratados:

Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues Borges, Oswaldo Olmiro Meotti, Valdir Zardin, Rui Polidoro Pinto, Bruno Eisele, Renato Borges de Medeiros.

Conselheiros (Efetivos)

Waldemar Michael, Walter Luiz Driemeyer, Arnaldo Hermann, Telmo Rovero Roos, Joaquim Librelotto Stefanello, Reinholdo Luiz Kommers.

Conselheiros (Suplentes)

Rodolfo Gonçalves Terra, Euclides Marino Gabbi, Constantino José Goi, Vicente Casarin, Ido Marx Weiller, Erni Schünemann.

Conselho Fiscal (Efetivos)

Rui Adelino Raguzzoni, Mário Hendges, Leonides Dallabrida.

Conselho Fiscal (Suplentes)

Carlos Alberto Fontana, Paulino Angelo Rosa, Aquilino Bavaresco.

Capacidade em Armazenagem:

LOCAL	INSTALADA
Ijuí	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto — Sede	77.000 t
Sto. Augusto — Esq. Umbú	50.000 t
Ten. Portela	60.800 t
Jóia	67.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	91.000 t
Maracajú — Sede	65.000 t
Maracajú — Vista Alegre	17.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brilhante	29.000 t
Dourados — Sede	82.000 t
Itaum (Dourados)	25.000 t
Indápolis (Dourados)	17.000 t
Douradinha	17.000 t
Caarapó	17.000 t
Ponta Porã — Posto Guaíba	42.500 t
Ponta Porã	29.000 t
Itaporã — Montese	17.000 t
Campo Grande — Anhanduí	17.000 t
Aral Moreira — Tagi	17.000 t
Bonito	17.000 t



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 18.500 exemplares

Associado da ABERJE



Associado da

AJOCOOP
Associação dos Jornais e Revistas de Cooperativas

Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob número 9.

Certificado de marca de propriedade industrial M/C11 número 022.775 de 13.11.73 e figurativa M/C11 número 022.776, de 13.11.73.

REDAÇÃO

Christina Brentano

Registro Profissional: 4.018

Dária C. Lemos de Brum Lucchese

Registro Profissional: 4.272

Composto no Jornal da Manhã, em Ijuí, e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

Ao leitor

Metade do solo ficou descoberto

A última safra de inverno mostrou que o trigo vem perdendo espaços na lavoura. Um tanto do que ocorreu na safra/83 pode ser creditado a falta de sementes, que obrigou muito produtor a ocupar suas terras com forrageiras ou então, deixá-las descobertas. Somado à falta de semente, o tempo correu chuvoso de abril a julho, atrasando a formação da maioria das lavouras de inverno e prejudicando o desenvolvimento inicial das plantas. A lavoura de trigo passou um inverno razoável, com o rendimento médio voltando a crescer. Certamente isto fará com que a lavoura volte a crescer na próxima safra.

As aveias também não foram muito bem. Para piorar a situação, faltou semente. A estimativa inicial era de que a área alcançasse 11 mil hectares, no entanto, a área plantada foi de pouco mais de 8.900 hectares. A Cotrijuí tentou amenizar a situação importando sementes da Argentina.

Foi uma safra onde se constatou uma melhor distribuição das culturas no solo, embora o trigo continue sendo a cultura "número um". Os trevos, a colza, a cevada, embora na sua maioria tenham enfrentado problemas de falta de sementes continuaram crescendo e se firmando como alternativas para o inverno, tanto na produção de grãos como na incorporação. É preciso lamentar que ainda em 83, 50 por cento dos solos da região permaneceram descobertos, sujeitos à ação dos ventos e das chuvas. A avaliação das culturas de inverno começa na página 9.

§ § § §

A máxi desvalorização do cruzeiro na ordem de 30 por cento, e o imposto de exportação da soja, decretados logo após o carnaval, mostraram que 1983 não seria um ano fácil. E realmente não foi. A Cotrijuí, por sua vez, procurou readaptar-se às constantes modificações

Do leitor

RETRIBUIÇÕES

Agradecemos e retribuimos as mensagens recebidas pelo Cotrijornal, saudando a passagem do Natal e a entrada do Ano Novo, enviadas pela Associação de Orientação às Cooperativas do Nordeste (ASSOCENE); deputado Hugo Mardini; deputada Ecléia Fernandes; Outono Propaganda Ltda; Secretário Municipal de Educação de Augusto Pestana, Adair Casarin; Arlindo Kommers e família; deputado Horst Volk e família; deputado Jorge Ueque e família; Noroeste; Avon Cosméticos Ltda; Habitusul; deputado Francisco Dequi; Comunidade Universitária Fidene/Unijuí; Alumínio Alcoa; deputado Ruy Carlos Ostermann; Capão Novo; Cooperativa Mista Agropecuária de Rondônia (Comaron); deputado João Gilberto Lucas Coelho e família; Cooperativa Sul-Riograndense de Laticínios Ltda; senador Carlos Alberto Chiarelli; Cooperativa Agropecuária Mista Canarana Ltda (Coopercana); deputado Rubens Ardenghi e família; Myma e Antônio Carlos Alves de Azevedo; deputado Florecino Paixão; Médico-Chefe do Cento de Saúde de Ijuí, Dr. Egon Wilson Dürks; Museu Antropológico "Diretor Pestana"; Novotel; deputado Orlando Burmann; Secretário Municipal de Educação e Cultura de Ijuí, Leonardo Dirceu de Azambuja; deputado Paulo Mincarone; Cooperativa

Agrícola Mista Vale do Piquiri Ltda (Coopervale); senador Pedro Simon e família; Equipe do Cotrisol — Escola "Francisco de Assis"; Companhia T. Janer; Gimic Publicidade; Companhia Souza Cruz; prefeito Egon Birlem, de Capão da Canoa e Associação Brasileira dos Editores de Revistas e Jornais de Empresas (ABERJE).

ASSINATURA

Na qualidade de presidente da Associação Sul-Matogrossense de Apicultores (ASA), estou solicitando uma assinatura, de graça, do Cotrijornal, que deverá ser remetido em nome da Associação.

Certo de poder contar a compreensão no atendimento da solicitação, agradeço.

Adair Domingos Cherubim

Presidente da ASA

EDIÇÃO HISTÓRICA

Estamos enviando nossos agradecimentos a Cotrijuí pela cooperação em

do setor agrícola, para continuar na sua caminhada.

A nível de instituição aconteceram muitas mudanças, começando com o deslocamento da presidência e assessores para Porto Alegre. A área de Saúde também tomou novos rumos para melhor servir seus associados.

1983 também trouxe novos desafios para a Cotrijuí, através da soja chuvada. Toda a capacidade armazenadora da Cooperativa foi colocada à prova e produto nenhum deixou de ser recebido. O retrospecto do ano que passou começa na página 4.

§ § § §

O crédito agrícola passou por novas alterações, com a queda definitiva do subsídio agrícola. A tacada final aconteceu em dezembro, quando o Conselho Monetário Nacional antecipou em um ano a retirada do subsídio ao crédito agrícola. Desde o dia primeiro deste ano, a correção monetária aplicada para o custeio da lavoura é de 100 por cento da variação da ORTN e ainda mais três por cento de juro. A retirada do subsídio pegou os produtores meio de surpresa, que já prevêm como consequência, elevação do custo de produção e queda na produtividade, por falta de melhor preparo da lavoura. O assunto está melhor explicado na última página.

§ § § §

A Diretoria Regional da Cotrijuí no Mato Grosso do Sul passou por uma completa reformulação e de agora em diante está diretamente ligada à vice-presidência da Cooperativa. No lugar de apenas um diretor, a Regional passa a contar com outros três diretores. Estas mudanças são consequências do próprio processo de discussão sobre o desmembramento da Cotrijuí, em pauta desde início do ano passado. Demais mudanças no quadro administrativo da Regional estão sendo contados na página 3.

participar da Edição Histórica referente as Ruínas de São Miguel. Ao mesmo tempo, estamos encaminhando alguns exemplares do Jornal das Missões — Edição Especial.

Na oportunidade, apresentamos nossas cordiais saudações.

Adroaldo Mousquer Loureiro

Diretor do Jornal das Missões

Santo Ângelo

POSSE DA DIRETORIA

A Diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Augusto Pestana, está convidando para as solenidades de posse da Diretoria Eleita a realizar-se no dia 23 de janeiro de 1984, às 20,00 horas, na sede da Afucotri de Augusto Pestana. A nova Diretoria foi eleita em 11 de dezembro de 1983, para o triênio 84/87.

Agradecemos antecipadamente pela presença.

Bruno Van Der San — Presidente do S.T.R. de Augusto Pestana

NR: A assinatura do Cotrijornal só é cedida gratuitamente a escolas, sindicatos e órgãos públicos. Leitores não associados da Cotrijuí devem pagar o valor de Cr\$ 3.500,00 pela assinatura anual, encaminhando um cheque nominal para a Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda. — Cotrijuí. O endereço é rua das Chácaras, 1513 — CEP 98700 — Ijuí — RS.



Administração reforçada

A Diretoria Regional da Cotrijuí no Mato Grosso do Sul sofreu uma completa reformulação no decorrer do mês de dezembro. Agora, no lugar de apenas um diretor, que assumia várias responsabilidades no mesmo tempo, a Regional passa a contar com três diretores. Nedy Rodrigues Borges, que até então vinha acumulando todas as funções, ficou responsável pelas áreas Técnica, Comunicação e Auditoria, e passa a ter a companhia de outros dois diretores. Um deles é Lotário Deckert, associado em Maracajú, que responde pelas áreas Financeira, Administrativa e Recursos Humanos. O terceiro diretor é Vilmar Hendges, que temporariamente estará acumulando sua antiga função — gerente da unidade de Maracajú — com a diretoria das áreas de Operações, Compras e Abastecimento e Comercialização.

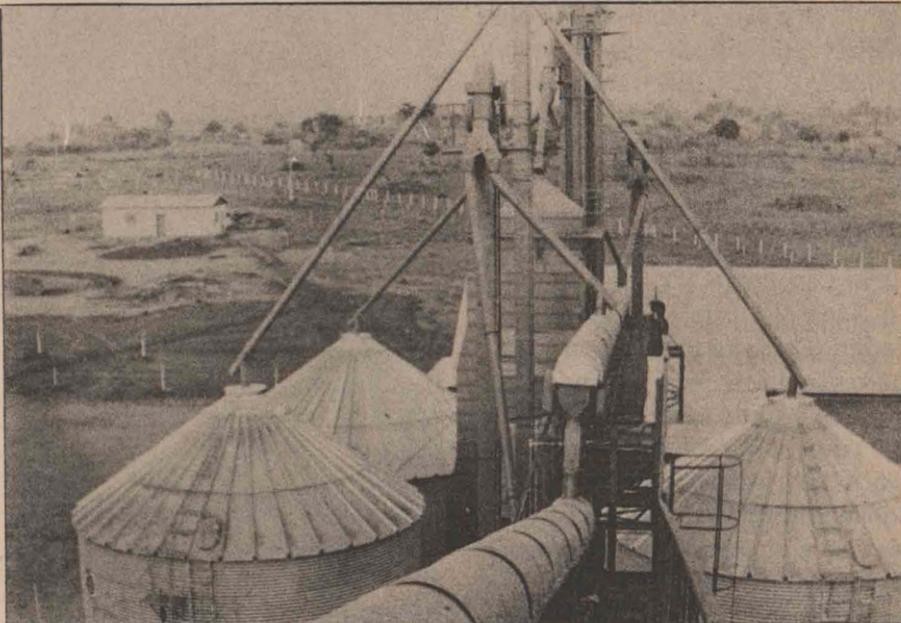
Com estas mudanças, também ficou definido que a diretoria regional do Mato Grosso do Sul fica diretamente vinculada à vice-presidência da Cooperativa. Arnaldo Drews, o vice-presidente da Cotrijuí, é quem explica:

— Esta mudança atende uma

antiga aspiração da região, e vinha sendo solicitada há muito tempo pelos conselheiros do Mato Grosso do Sul. Nos últimos tempos também os representantes vinham reivindicando a criação de outras diretorias. Isto é muito natural, já que a área de ação é muito grande, temos 16 pontos de recebimento de produção, grandes distâncias entre uma unidade e outra, um grande volume de produção, o que dificulta para um diretor apenas atender tudo isto.

Segundo o vice-presidente estas mudanças também são uma consequência do próprio processo de discussão sobre o desmembramento da Cotrijuí. "Este ensaio", como ele conta, "já começou quando dividimos a cooperativa em regionais, e criamos as diretorias".

A criação de novas diretorias na regional, provocou também mudanças no quadro funcional a nível de gerentes de assessoria e de unidades. Três funcionários foram transferidos da Região Pioneira para o Mato Grosso do Sul: Júlio Feil, que assumiu como gerente financeiro; Francisco Azambuja, administrativo; e Olavo Fritzen, gerente de



A Unidade de Caarapó no MS, uma das beneficiadas com as mudanças administrativas

Recursos Humanos. O gerente da unidade de Rio Brillante, José Carvalho, assumiu a gerência de Operações, e para o seu lugar na unidade foi deslocado o agrônomo Realdo Cervi, que trabalhava em Maracajú. Na unidade de Ponta Porã assumiu Perci Londero, que trabalhava na Auditoria Interna.

As demais gerências ficaram inalteradas. Antônio Carlos Sperotto permanece como gerente de Comercialização; João Krüger como gerente da Central de Compras e Abastecimento; Clóvis Canova, como gerente de Dourados; Luiz Mariotti, de Sidrolândia; e Clóvis Zarth, de Bonito.

Bonificação ao agrado de todos

A bonificação da semente de soja foi assunto para uma reunião do Conselho Geral dos Produtores de Semente da Regional Pioneira, acontecida em Ijuí, no final do mês de dezembro. A aprovação dos valores a serem pagos como bonificação foi o assunto que tomou conta da reunião, mas os produtores aproveitaram a oportunidade e levantaram outras questões em dúvidas, como custos das sementes, atraso no pagamento da bonificação e taxa de armazenagem.

Não restam dúvidas que os valores que estão sendo pagos como

bonificação pela produção de soja agradou a maioria dos produtores. "A princípio, explica o Francisco Tenório Falcão Pereira, agrônomo responsável pela área de Sementes da Cotrijuí, "os valores de bonificação que a Cooperativa está pagando são bons, ainda mais se considerarmos que o preço médio da soja entregue como semente, pago entre os meses de maio e junho, foi de Cr\$ 5.200,00 por saco". De acordo com os valores aprovados pelo Conselho, ficou definido que para as sementes qualificadas dentro do Padrão I, será pago Cr\$ 2.100,00 de bonifica-

ção e Cr\$ 1.850,00 para semente qualificada dentro do Padrão II. Até pelo final deste mês, cerca de Cr\$ 348 milhões serão distribuídos de bonificação entre os 544 produtores de sementes de Tenente Portela, Coronel Bicaco, Jóia, Santo Augusto e Ijuí.

MERCADO GARANTIDO

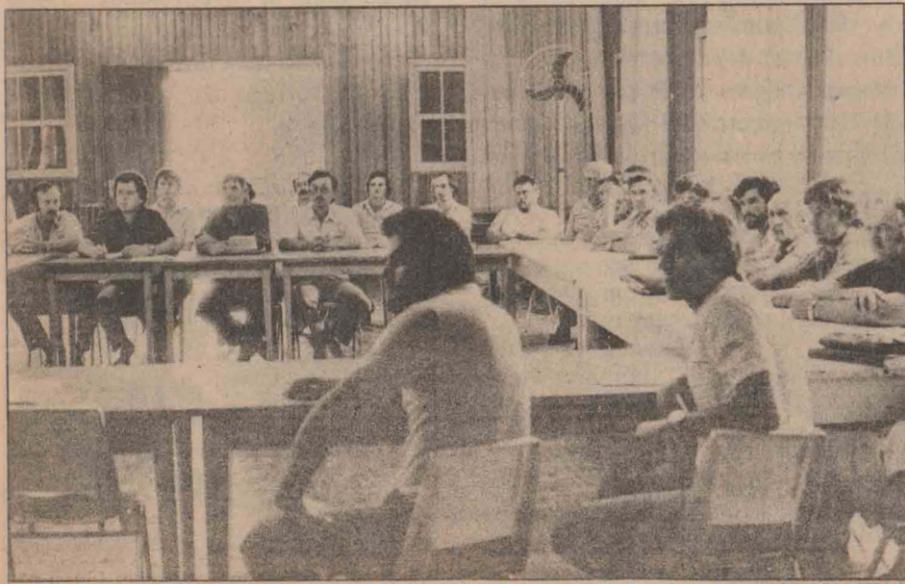
Fora a bonificação que recém está sendo paga, os produtores já haviam recebido um adiantamento no valor de Cr\$ 300,00 pela semente das variedades Bossier e Santa Rosa, desde que estivessem ensacadas e mais Cr\$ 200,00 pelo produto entregue à granel. Pelas demais cultivares foi pago um adiantamento no valor de Cr\$ 150,00.

As variedades Santa Rosa e Bossier receberam os melhores preços, segundo o Francisco, por serem bastante procuradas por produtores do Mato Grosso. "Estas duas variedades têm mercado garantido, por isso, temos procurado incentivar o cultivo através de preços mais compensadores". Desta forma os produtores da Região Pioneira, além de produzirem sementes com colocação garantida, estão ajudando os produtores do Mato Grosso a minimizar os problemas de falta de semente. Todos sabem que a produ-

ção de sementes de soja no Mato Grosso é dificultada pelas chuvas, por isso a necessidade de buscar em outros Estados", lembra o Francisco.

AVALIAÇÃO

Apesar das discussões em torno dos valores de bonificação e principalmente em cima dos custos, os produtores deixaram um tempinho para fazer uma avaliação de um novo tipo de serviço, colocando em experiência no início do ano passado: a troca de produto indústria por semente fiscalizada de soja. O novo sistema teve boa aceitação entre os produtores e a sugestão do Conselho é de que a Cotrijuí continue neste ano com o Contrato Mútuo de troca de produto indústria por semente. "Este contrato dá uma certa tranquilidade para o produtor", lembraram, "que não precisa sair atrás de semente na época de formação da lavoura". O Renato Borges de Medeiros, Diretor Agrônomo da Cotrijuí, garantiu que o serviço vai ter continuidade neste ano, com a possibilidade de algumas modificações. Pode ser até que aumente a cota de semente (na safra passada foi de 77 sacos) pelos 100 sacos de produto indústria entregue pelo produtor.



Os valores de bonificação foram definidos pelo Conselho de Produtores

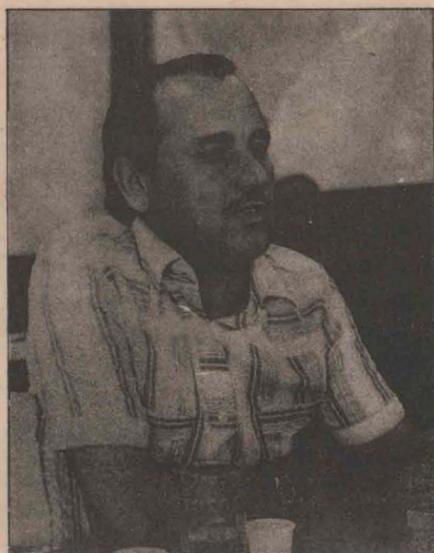
1983, ano conturbado e de muitas alterações

Texto: Valmir Beck da Rosa

O programa radiofônico Informativo Cotrijuí em sua primeira audição de 1984, ouviu pessoas ligadas aos mais diferentes setores da cooperativa, com o objetivo de fazer um balanço das atividades em 1983. Participaram o vice-presidente Arnaldo Drews, os diretores Euclides Casagrande (Operações), Bruno Eisele (Comercialização), Valdir Zardin (Compras e Abastecimento), mais o médico João Craidy que é chefe da área de saúde, Noemi Huth que coordena o setor de comunicação e educação, o agrônomo Hélio Pohlmann, do Departamento Agrotécnico e o conselheiro Waldemar Michael. Aqui, uma síntese da mesa-redonda, para uma análise comparativa com aquilo que foi 1983 para os leitores do Cotrijornal.

PLANOS REFORMULADOS

A diretoria eleita, na palavra do vice-presidente Arnaldo Drews, considerou 1983 um "ano tão conturbado e de tantas alterações, que dificilmente um planejamento feito em seu início serviu para o ano todo". Citando as mudanças introduzidas na administração a partir do deslocamento da presidência e assessoramento para Porto Alegre, Drews lembrou que a Cotrijuí necessitou readaptar-se várias vezes para acompanhar as modificações impostas ao setor agropecuário. Mencionou como exemplos a máxidevalorização do cruzeiro, da ordem de 30 por cento, e a taxa de 20 por cento sobre a soja a título de imposto de exportação, em seguida reduzidos para cinco por cento. A cada nova medida governamental, se fez necessário mexer em toda a estrutura da cooperativa. Outra prova disso foi quando o governo revogou a obrigatoriedade de plantar com semente selecionada, liberando, em última instância o financiamento de custeio diretamente ao produtor. Mesmo benéfica a medida, isso exigiu urgentes reformulações nos procedimentos da



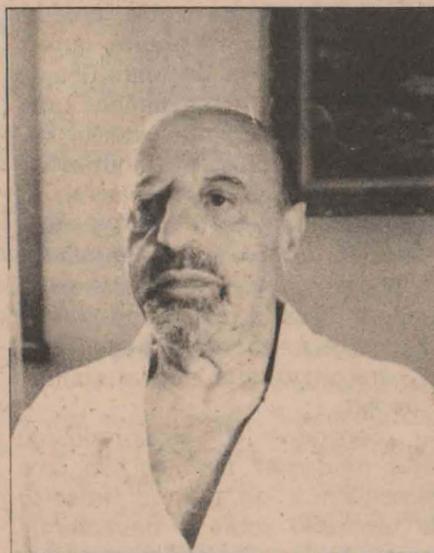
Arnaldo Drews



Hélio Pohlmann

cooperativa para com seu quadro social.

O balanço, porém, na ótica do vice-presidente, foi positivo. Mesmo com a dupla frustração — safras de inverno e de verão — o exercício de 1983 acusou melhoras se comparado com o ano anterior. E aí Arnaldo recordou o programa Informativo Cotrijuí que traçou o retrospecto de 1982, quando se afirmou que a situação financeira da cooperativa era bastante delicada. A recuperação parcial que fez melhorar a situação financeira, é atribuída pelo dirigente cooperativista à participação consciente dos associados, fun-



João Craidy

cionários e rede bancária.

Drews citou como um capítulo significativo no esforço para fazer voltar a Cotrijuí à normalidade econômica, a efetiva e pronta adesão dos associados no ato de subscrever capital adicional como forma de preencher exigências do Banco Central para liberar recursos através da Resolução 761.

MUDANÇAS TAMBÉM NA SAÚDE

Administrativamente, 1983 foi decisivo na área da saúde para os que usufruem dos serviços da Cotrijuí. Cada unidade hospitalar passou a ser administrada no próprio local onde está unidade recebedora. Houve radical mudança na condução da chefia, assumida em meados do exercício pelo médico João Craidy. Ele mesmo testemunhava em favor da dinâmica imprimida pelos representantes e comissões de saúde, que passaram a exigir mais, fazendo melhorar a curto prazo os serviços prestados. Uma mostra disso foi a modificação das diversas taxas, reduzindo valores e simplificando o atendimento. Craidy disse que em breve o hospital Bom Pastor (Ijuí) contará com nova aparelhagem de Raio-X, ampliando os serviços que já estão sendo prestados em traumatologia e orto-

pedia. Com isso, o hospital aguarda do INPS a credenciação para atender acidentes do trabalho. João Craidy afirmou ao participar do programa Informativo Cotrijuí, que "o hospital está aparelhado para atender qualquer caso. De maneira que os associados podem baixar no seu hospital, sabendo que nós temos todos os recursos necessários".

NA ÁREA TÉCNICA, ÊNFASE PARA SEMENTES DE DIVERSIFICAÇÃO

O agrônomo Hélio Pohlmann representou a diretoria agrotécnica no programa que avaliou 1983. E citou como pontos de destaque, e que por isso mesmo mereceram tratamento prioritário, os seguintes: sementes, Centro de Treinamento (CTC), defensivos e busca de alternativas, a saber, diversificação.

Por se tratar de um ano atípico, isto é, onde a falta de sementes tanto para culturas de inverno quanto de verão foi acentuada Pohlmann foi de opinião que a resolução do governo desobrigando o produtor a usar semente selecionada preencheu em parte a escassez desses insumos. O agrônomo acentuou o envolvimento da Cotrijuí, como um todo, no processo de orientação, recebimento, armazenagem e comercialização de cada vez mais produtos, reestruturando-se e deixando de ser um complexo de trigo/soja. Citou a introdução de novas espécies de sementes básicas, casos da batata, aveia e de novas variedades de soja. Outro ítem citado por Pohlmann foi a integração havida entre os técnicos e a área de insumos, para poder atender com maior presteza o associado.

Na busca de alternativas que consolidem a propriedade, Hélio Pohlmann fez menção ao trabalho desenvolvido pela diretoria agrotécnica em forrageiras, fruticultura, e também leite.

CHEGOU KLERAT. MORTE NA PRIMEIRA DENTADA.

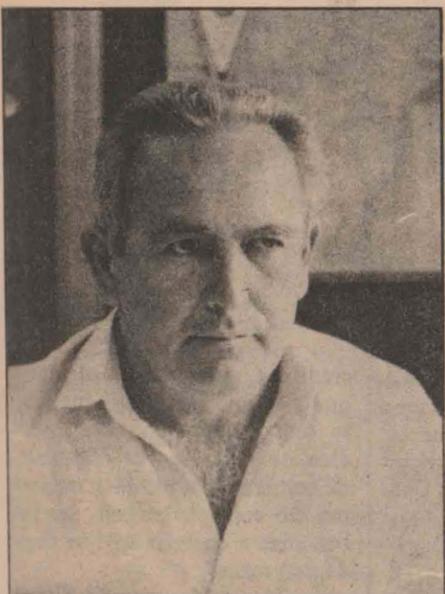
KLERAT é o único anticoagulante de dose única, e apresenta 74% de palatabilidade. Bastam 3 gramas de isca para matar qualquer rato ou camundongo, mesmo os resistentes. KLERAT representa o menor custo por rato morto. Comprove!



ICI Brasil S.A.

Escritório: Av. Eusébio Matoso, 891 - 2º andar - Pinheiros
05423 - São Paulo - SP - Tel.: (011) 212-1955 - Telex: (011) 23806
24225 - Telegr. "IMPKEMIX" - Caixa Postal 30377 - 01000



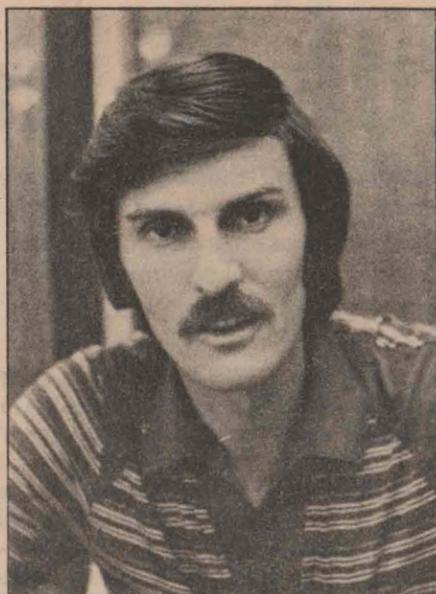


Euclides Casagrande

NADA DEIXOU DE SER RECEBIDO

Como 1983 foi marcante pelo excesso de chuvas, o diretor da área operacional Euclides Casagrande aproveitou para justificar a sólida estrutura montada há anos pela Cotrijuí para secagem e armazenamento de grãos. Ainda assim, ressaltou que o advento da diversificação se não trouxe problemas, está a exigir solução para uma série de questões. Em algumas unidades até o momento a cooperativa ainda não processa certos produtos, mas nem por isso deixa de recebê-los, transferindo para Ijuí.

A capacidade armazenadora, que segundo Casagrande chegou a ser alvo de críticas em outros anos, foi toda ela posta à prova em 1983. Quando a incógnita da soja "chuvada" fez parar máquinas colheitadeiras, secadores e até o mercado, na Cotrijuí o desafio foi aceito. Mesmo que tenha passado mais de uma vez pelo secador, o produto não apodreceu na lavoura. Outro ponto positivo no exercício passado, na análise do diretor de operações, foi o desempenho da fábrica



Valdir Zardin

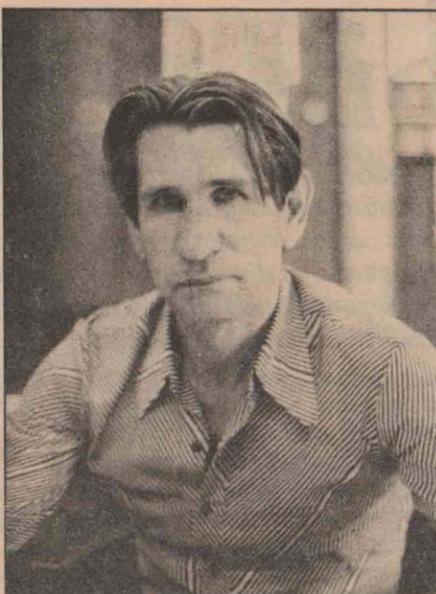
de rações. Graças ao reordenamento administrativo e racionalização de desempenho, a produção superou os limites em quantidade. Em outubro chegou a produzir mil toneladas, quase o dobro da capacidade nominal.

INSUMOS, DAS MINAS ÀS LAVOURAS

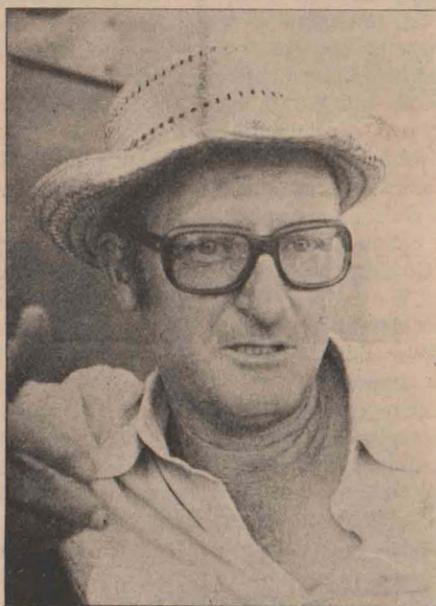
O setor de compras e abastecimento também foi afetado pela crise financeira. Mas mesmo não podendo oferecer toda a gama de produtos que o associado costumava ter na rede de lojas e mercados, o faturamento em 1983 chegou a 15 bilhões de cruzeiros, sem considerar a conta insumos. A Cotrijuí, graças a um trabalho integrado da gerência de insumos e diretoria técnica, foi uma das poucas a dispor de matéria-prima no início da última safra. Na opinião do diretor Valdir Zardin, 1983 foi particularmente difícil, pois "tivemos de trabalhar com recursos escassos".

BUSCA DE MERCADO

Na comercialização, a Região Pioneira se independizou em parte da Cotriexport, consultando e



Bruno Eisele



Waldemar Michael

abrindo mercados para alho, suínos e outros produtos. O responsável, diretor Bruno Eisele, complementou as informações sobre a soja chuvada, que trouxe desafios, pois o mercado era incrédulo diante desse fato novo. Com toda a tradição e conceito de seus 26 anos, a Cotrijuí pela primeira vez se via diante desse fenômeno. Mas assim como o produtor aceitou o desafio e fez retornar as máquinas à lavoura após

a enchente, também a diretoria de comercialização arregaçou as mangas e encontrou colocação para o produto.

Bruno Eisele fez menção também da situação dos devedores, para a qual tem havido boa vontade de parte dos associados. Disse que a demora em regularizar os débitos para com a cooperativa só faz piorar a situação, daí que muitos estão colocando suas contas em dia.

SITUAÇÃO SOB CONTROLE

Quem afirma isso é o conselheiro Waldemar Michael. 1983 foi importante, pois no período houve intensa mobilização do Conselho de Administração, que esteve inclusive em Brasília tratando diretamente com organismos oficiais de dar atendimento às necessidades da cooperativa. Diz ele que "a partir de então mudou completamente o panorama geral do associado na cooperativa, e com satisfação notamos que todo o mundo voltou a colaborar novamente. A situação não é boa, mas está sob controle", afirma Michael.

Ao final do programa radiofônico que ensinou o retrospecto, o vice-presidente Arnaldo Drews voltou a falar, dizendo que o desmembramento e a central Cotrijuí propostas e em estudo, "não significa apenas a concordância do produtor, mas é preciso que haja uma conscientização". Ele então recordou as propostas atualmente em estudo pelo staff e quadro social da cooperativa: o desmembramento das regionais e criação de uma Central; o desmembramento sem criar a Central, e uma terceira opção que seria continuar como está.

Nota: o relato de Comunicação e Educação está em página especial.

Produtores preocupados com comercialização do arroz

Os orizicultores gaúchos estão se mostrando bastante preocupados com a instabilidade da política econômica do Governo, no que se refere a comercialização da safra de arroz. Segundo o presidente da Associação dos Arrozeiros de Uruguaiana, Carlos Augusto Lopes da Silva, o governo tinha decidido que a partir de agosto o preço mínimo seria corrigido mensalmente, "mas agora fomos informados que a medida se aplica somente ao chamado período próprio do arroz, que o Governo não esclarece qual é. Sem maiores explicações, diz ainda, ficamos sabendo que a partir de janeiro não haveria mais correção". Segundo Lopes Silva, o produtor vai ter que vender seu produto em março, desvalorizado em pelo menos 30 por cento.

Outra queixa dos orizicultores diz respeito a comercialização do produto, que não vem agradando. Foi justamente esta questão que levou uma comissão de orizicultores de Uruguaiana e do Litoral Sul a entregar, em junho passado, um documento ao governador Jair Soares, denunciando a atual política de comercialização do arroz, "totalmente desvirtuada e com riscos que ameaçam até a própria sobrevivência da lavoura". No documento os produtores atribuíram os problemas de comercialização a "manipulação de interesses políticos e comerciais do Irga".

Segundo o Lopes Silva, ao forçar a redução do preço do arroz no ano passado, agindo como regulador de estoque da Comissão de Financiamento da Produção, o Irga

"além de prejudicar os agricultores, agiu também contra os interesses do próprio Estado do Rio Grande do Sul. Só em Uruguaiana, conforme explicou Lopes Silva, onde foram comercializadas seis milhões de sacas de arroz com preços inferiores ao mínimo, o Estado perdeu Cr\$ 2 bilhões em ICM. E a preocupação cresce ainda mais com a notícia de que o Irga será responsável pela comercialização em São Paulo, em fardos de 30 quilos de arroz por Cr\$. . 12.500,00.

IMPORTAÇÃO DO PRODUTO

Como se não bastassem os problemas com a comercialização do produto, os orizicultores estão se deparando com um outro problema: a importação do arroz. "A importação é uma injustiça muito grande, se queixou Lopes Silva, tão

logo soube que alguns vagões argentinos estavam retidos no Terminal Ferroviário de Uruguaiana. "O governo está subsidiando o produtor estrangeiro e esquecendo-se do brasileiro e ainda permitindo que seja comprado um produto de baixa qualidade". Garantiu que há produto suficiente em estoque para as necessidades do país "e mesmo que o produto estivesse escasso, não haveria motivos para sobressaltos", lembrando que dentro de 20 dias começa a colheita do arroz.

Como se vê, as perspectivas para a orizicultura gaúcha não são boas. Ainda mais se considerarmos que no ano passado o ministro da Agricultura, Amaury Stábile havia empenhado a sua palavra de que este ano não haveria importação do produto.

A responsabilidade na crise

O IV Seminário do Sistema Fecotrigo realizado durante os dias 13, 14 e 15 de dezembro na cidade de Santa Maria foi marcado pelo debate forte, participativo, entre os aproximadamente 200 representantes de cooperativas presentes. Eles discutiram as dificuldades vividas por todos os setores de nossa economia, enfocando o cooperativismo dentro desse contexto, seus problemas e suas soluções.

Leila Ribas

Na abertura do Seminário, o presidente da Fecotrigo, Jarbas Pires Machado, lembrou a responsabilidade do Cooperativismo frente a crise. Disse ele que "não somos náufragos da crise, somos os selecionados dela e por isso mesmo temos uma meta a cumprir na reconstrução do país".

José Jairo Teixeira, da Triticola São Gabriel frisou que o país só será forte, sendo povo, gente, aprendendo e conhecendo juntos o que falta. Falaram ainda na abertura do Seminário, o presidente da Cotrifred, Ignácio Zanella, o superintendente da Cocer, Mário Kruei Guimarães, e o presidente da Ocergs, Cyro Dias da Costa, todos salientando as dificuldades encontradas no ano de 83 e apontando como uma das soluções o trabalho conjunto dentro do cooperativismo.

PROFUNDAS MUDANÇAS

No seu discurso Jarbas Pires Machado disse que certamente a agricultura passará por profundas mudanças nos próximos anos porque o Brasil terá que entrar num recondicionamento estratégico de sua economia, elegendo o complexo rural como o único setor capaz de fazer o país retomar o seu desenvolvimento. Comentou também o desenvolvimento econômico sustentado pelo aluguel de poupança externa, definindo-o como inconveniente. — Sem desprezar o significado que terá a recuperação dos países do 1º mundo, acreditamos que a estratégia apropriada para nós, é pela via agrícola. Somente um setor primário forte, o Brasil pode suprir suas necessidades econômicas e sociais.

Uma política agrícola definida, foi a reivindicação de Jarbas Machado ao levantar os pro-

blemas ocorridos na agropecuária. — Para suportar a escassez de crédito e seu elevado custo, a violenta elevação do custo de produção e a retração do mercado, os preços favoráveis prometidos pelo Governo não são suficientes. Precisamos no mínimo de uma política trienal que favoreça a aplicação de recursos na atividade produtiva e não mais em fins especulativos.

Acreditando que a agricultura seja o caminho para a recuperação do país, o presidente da Fecotrigo pediu apoio e justificou: — Vamos mostrar que os problemas podem ser resolvidos e que nós temos a solução, desde que o Governo adote a posição correta. E o cooperativismo, acrescentou, deverá ser apoio indispensável a nova estratégia porque, "a cooperativa é apenas e tão somente um empreendimento econômico que as pessoas fazem por entender que, em conjunto terão melhores resultados que agindo isoladamente".

PARTICIPAÇÃO DO ASSOCIADO

O nível de participação dos associados dentro do cooperativismo, as falhas, tanto das direções como dos próprios associados e as formas para melhorar essa integração, foram assuntos predominantes no 2º painel sobre estruturação do poder e capitalização nas cooperativas.

Hélio Zawatski, secretário da Cotrimaio expôs o trabalho realizado em sua cooperativa, enfocando sempre a necessidade do associado participar. Disse ele que, "sendo a cooperativa, propriedade de todas as pessoas que a integram, não é admissível ser proprietário sem ter o direito de opinar e organizar-se para influir nas decisões". O que temos ain-

da não é o suficiente, frisou, mas é o início, com tendências a melhorar, até mesmo porque é uma necessidade.

Já o vice-presidente da Cooperativa de São Sepé, José Trajano Trindade disse taxativamente que "o associado não manda, não decide. Não é dono, em primeiro lugar porque seu capital não é corrigido, não manda porque não existe abertura para isso".

Benno Schmidt, da Cooperativa de Encantado, concordou com a necessidade de mudanças na participação do quadro social porque, segundo ele, "as soluções devem partir das bases".

E o produtor Lázaro Serrano Rodrigues, presidente do Conselho Central de Representantes da Cotrijal de Não-Me-Toque, cobrou das cooperativas uma integração maior, entre elas e, delas com os associados. — A cooperativa tem que ir até o homem, até a terra, e trabalhar dentro de um plano que tenha saído dessas bases. É fácil unir o colono, frisou, "basta falar abertamente, abrir as portas que o separa" da direção, deixando ele sentir que está pisando em algo que ajudou a construir".

OPINIÕES DIVIDIDAS

Ao analisarem o mercado da soja desse ano que passou e as tendências para o próximo ano, houve dúvidas. Jandir Araújo, da Cotrisa, acha que deverá ocorrer uma sensível redução da oferta mundial do produto e seus derivados, estimulando a tendência de alta no mercado internacional. Segundo ele, pelas estimativas, o preço da soja deverá ficar em torno de Cr\$ 23 a 25 mil, no mês de maio de 84. Opinião diferente tem o operador de mercado externo da Centralsul. Ele re-

ceia que seja um ano difícil, embora também acredite que o preço possa subir. Diz ele que as possíveis vantagens adquiridas através da Seca dos Estados Unidos, foram anuladas pela subida do dólar".

O trabalho realizado através do Pool de comercialização também foi avaliado neste painel. E segundo o operador Walter Duarte, todos ganharam porque é uma fonte de consulta confiável e permanente, a disposição das cooperativas.

FORTALECER O SISTEMA

O Cooperativismo de crédito foi defendido, no 4º painel, como uma maneira de fortalecer o sistema cooperativo e a única solução para a agricultura brasileira. "Ainda não existiu outra forma de combater a crise na agricultura a não ser através do cooperativismo de crédito, afirmou o presidente da Cocer, Mário Kruei Guimarães". E ele exemplificou com números essa afirmação, dizendo que só no ano de 83 houve uma economia de Cr\$ 850 milhões para as cooperativas e produtores, dinheiro este que certamente teria ido para um sistema bancário, que nenhum benefício especial traz ao setor.

Para o presidente da Ocergs, Cyro Dias da Costa, o incentivo ao cooperativismo de

crédito é uma necessidade porque é o único setor em que não se tem nenhum controle. — A área de produção, de consumo, de comercialização, de certa forma são controladas pelo produtor, mas a questão crédito foge de suas mãos".

Alceu Marques, da Camil de Itaqui, complementou as palavras do presidente da Ocergs, dizendo que além do controle nessa área, o produtor terá facilidades de adquirir crédito, com uma economia muito grande. Mas para que o cooperativismo de crédito seja forte, concluiu "é preciso que cooperativas de produção, cooperativas de crédito e associados, trabalhem juntos".

O SECRETÁRIO

As palavras do Secretário da Agricultura, João Jardim, foram fortes, reivindicatórias. Ele comentou a realidade do nosso país, dizendo que neste ano "o povo brasileiro comeu menos e trabalhou mais". Apoiou a preocupação das cooperativas com relação a queda dos subsídios e com a política agrícola de uma maneira geral. Disse ele que, "precisamos nos unir, virar os arreios e impor condições". Falou ainda que o Estado é a favor do sistema cooperativo e que está junto na luta por um setor primário mais forte, principalmente no momento em que está sendo chamado a aumentar sua contribuição no equilíbrio do país".

Compromisso público

SANTA MARIA, RS (15.12.83) — Ao concluirmos o IV Seminário do Sistema Fecotrigo, e representando um volume de 80% da soja comercializada por este Estado, de 95% do trigo e 30% do arroz gaúcho, com mais de 50 mil empregos diretos e englobando as economias de 1 milhão de pessoas, queremos tornar público um compromisso que nesta data assumimos com a sociedade brasileira.

Na crise que ora atinge a todos, sabemos que a Nação depende desesperadamente do bom desempenho da agropecuária. Nós, produtores, entendemos a missão e a responsabilidade que a Pátria nos exige. Estamos dispostos a aceitar o desafio de ajudar na reconstrução da economia brasileira com esforço e boa vontade.

Mas queremos deixar claro que estamos preocupados. Ao mesmo tempo em que se espera tanto do setor primário, nunca ele foi tão penalizado como agora por medidas desestimulantes do Governo. E por isso queremos que a sociedade brasileira compreenda que, se falharmos nas metas estimadas para a produção agrícola, ou se os preços dos alimentos subirem a níveis ainda mais insuportáveis, a culpa não será do produtor.

A falta de garantia de preços mínimos, a ausência de um plano trienal para o setor primário, a retirada dos subsídios ao crédito agrícola, a deficiente cobertura às perdas na lavoura — tudo isso são fatores sobre os quais não temos domínio.

Se em nossas mãos repousa a tarefa de construir uma nova era até porque não somos náufragos da crise —, também é verdade que não temos sob controle os instrumentos de política agrícola necessários. Isso não depende de nós. No que depender, estamos prontos para juntos, produtores e consumidores, construirmos uma nova Nação.



O seminário teve a participação de cerca de 200 representantes de cooperativas gaúchas

O perigo de lidar com venenos sem os cuidados necessários

Que é perigoso lidar com defensivos agrícolas, quase tudo quanto é agricultor já anda cansado de saber, mas mesmo assim, todos os anos, quando chega a época de controlar as pragas das lavouras, principalmente as da soja, ocorrem casos de intoxicação e às vezes até mortes por descuidos na hora da aplicação dos venenos. Só no período de dezembro a janeiro, quando o ataque de lagartas foi mais intenso em regiões mais afetadas pela estiagem, foram registrados inúmeros casos de intoxicação, inclusive com a morte de dois agricultores. Uma das mortes aconteceu em Carazinho e a outra no interior do município de Palmeira das Missões. Pelo que foi constatado, a maioria dos casos de intoxicação tem acontecido por descuido na hora da aplicação, pela falta de uso dos equipamentos necessários, como máscaras, botas e roupas adequadas.

CERTA CONSCIENTIZAÇÃO

De um modo geral, na opinião do Sadi Pereira, técnico agrícola da Cotrijuí, Unidade de Ijuí, já existe uma certa conscientização dos agricultores quanto ao perigo de lidar com defensivos agrícolas, "mas mesmo assim, ainda existem alguns mais apressadinhos que saem na frente, pulverizando sem necessidade e sem muitos cuidados". O cuidado maior se deve em parte pela consciência já adquirida, que agricultor nenhum anda querendo expor a sua saúde a tantos riscos. Ainda conta a preocupação com a flora e fauna. "Tem muito produtor pensando duas vezes antes de usar veneno na lavoura", diz o Sadi. As conseqüências estão aí, aos olhos de todos. Muito produtor já sofreu na pele os problemas do uso indiscriminado de veneno.



Albino Treter: duas vezes

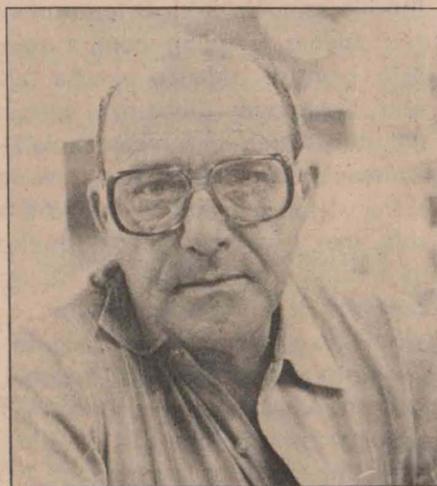
SITUAÇÃO NA REGIÃO

O surto de lagartas nas lavouras de soja da região, segundo o Sadi está sob controle. "Não se pode falar num ataque muito expressivo até o momento e muito menos em perdas ocasionadas pelas lagartas. As perdas registradas ocorreram por problemas climáticos. O que realmente existiu foram alguns focos mais localizados, que realmente necessitaram de controle, porque a planta estava no desenvolvimento inicial". Quando o ataque aparece na fase de desenvolvimento inicial é preferível fazer o controle do que deixar a lagarta eliminar a lavoura. "Só em Ijuí, diz o Sadi, tivemos duas lavouras em que os produtores foram obrigados a fazer replantio devido o ataque de pragas".

As lavouras da região enfrentaram o ataque das lagartas da soja e ainda do trigo, "que se manteve na resteva até a germinação da planta". Bem no forte da es-



Sadi Pereira: certa conscientização



Hilnon Leite: cuidados necessários

tiagem as lavouras também foram afetadas pela broca das axilas ou broca dos ponteiros, mas sem maiores estragos.

COMBATE

O agricultor Alberto Treter, da Linha 5 Oeste, em Ijuí, ainda não tinha vis-

to um ataque de lagartas tão violento "em soja pequeno". "Já apliquei veneno uma vez, há uns 15 dias e estou me preparando para aplicar novamente na mesma área, que a primeira aplicação não surtiu efeito". Seu Albino é destes agricultores que quando pode, evita o uso do veneno na lavoura. "Não gosto de lidar com veneno. A gente precisa ter muito cuidado, senão é capaz de ir antes da lagarta". Conta que já passou muitas safras sem aplicar defensivo, porque o ataque aparecia quando a planta estava grande. "Quando a soja está crescida, e a planta não está florescendo, combater a lagarta com inseticida é jogar dinheiro fora. Ela come a folha, mas o estrago não é grande".

Hilnon Corrêa Leite, agrônomo e também agricultor, é outro que não se assusta ao primeiro ataque da lagarta. "Tenho por hábito segurar até onde dá, principalmente se a soja está num desenvolvimento mais adiantado". Enquanto o ataque não atinge 30 por cento da área foliar, ele nem pensa em gastar com defensivos.

A preocupação do Hilnon realmente aumenta quando o ataque aparece logo depois da germinação, como ocorreu numa área de 10 hectares. "O ataque estava violento demais e como a planta ainda estava pequena, decidi pulverizar para evitar danos maiores". Sempre que usa veneno na lavoura, o Hilnon se resguarda de algumas medidas de proteção, que faz questão de observar. Não costuma a aplicar o veneno contra o vento e nem deixá-lo em contato direto com a pele. "Ainda uso luvas e máscaras, que quase ninguém costuma observar".

Manejo adequado evita desperdício

Olhos bem abertos e visitas constantes na lavoura é a recomendação do Sadi Pereira aos produtores que não querem saber de ter gastos com defensivos, que se preocupam com a saúde e que estão interessados em seguir o manejo de pragas. Atento à lavoura e fazendo contagem sempre que tiver dúvidas quanto a incidência do ataque, o produtor seguramente, terá condições de saber a hora certa de controlar as pragas.

Uma das primeiras coisas que o produtor interessado em fazer manejo de pragas precisa saber é sobre a época em que o ataque pode ser tolerado. Dependendo do estágio de desenvolvimento da lavoura e também do número de insetos que estão atacando é que o produtor vai aplicar ou não defensivo. Conforme a situação ele pode até segurar a aplicação. Muitas vezes a incidência é controlada normalmente, pelos inimigos naturais que se desenvolvem pela lavoura. O uso indiscriminado de defensivos extermina estes inimigos. Para melhor se orientar na contagem das lagartas, o produtor poderá usar o conhe-

cidíssimo "pano de batidas", de mais ou menos 80 centímetros de largura por um metro de comprimento.

Este pano deve ser colocado entre as fileiras da soja. Em seguida inclinar as plantas de cada fileira sobre o pano e batê-las, de tal forma que as lagartas e os percevejos caiam no pano. Após a operação, contar os insetos que caíram. No caso da broca das axilas o produtor precisa seguir outro manejo, já que o pano branco não serve porque a broca fica escondida dentro dos brotos da soja. Para melhor identificar o ataque o produtor deverá contar o número de plantas que existem em dois metros de carreira de soja e verificar quantas plantas estão atacadas neste espaço. Se nos dois metros o produtor encontrar 50 plantas atacadas, é porque o ataque é de 100 por cento. Se existirem 20 plantas atacadas, o prejuízo é de 20 por cento.

Para melhor identificar o grau de incidência das pragas, o número de amostragens deverá ser de acordo com o tama-

nho da área da lavoura. Se a área tiver de um a 10 hectares, o produtor deverá fazer seis pontos de amostragem. Em lavoura de 11 a 30 hectares, fazer oito pontos de amostragem e em áreas de 31 a 100 hectares, 10 pontos de amostragem.

Feita a contagem é momento do produtor saber se realmente se faz necessária aplicação de defensivos. De acordo com a recomendação técnica, que leva em conta as pesquisas realizadas sobre o assunto, é preciso considerar o número de pragas encontradas na lavoura, o índice de desfolhamento e por último o estágio de desenvolvimento da planta, se antes ou depois da floração. A recomendação técnica leva em conta apenas as lagartas de 1,5 centímetros de comprimento. Normalmente o ataque do percevejo inicia pela beirada da lavoura, sendo de fácil controle.

QUANDO TRATAR

Na fase inicial de crescimento, a recomendação manda aplicar veneno apenas quando o desfolhamento da lavoura atin-

gir 30 por cento, e o número de lagartas encontrada pela contagem alcançar 40 por amostragem. Na fase de desenvolvimento da vagem, aplicar veneno quando o desfolhamento atingir aproximadamente 15 por cento e o número de lagartas for de 40 por amostragem. Nesta mesma fase é preciso tomar muito cuidado com o percevejo. Deve ser feito o controle quando for constatado a presença de quatro insetos por amostragem. Nos casos de lavouras para a produção de sementes, o controle deve ser feito tão logo for constatado a presença de dois percevejos de 0,5 centímetros ou mais de comprimento, por cada amostragem realizada.

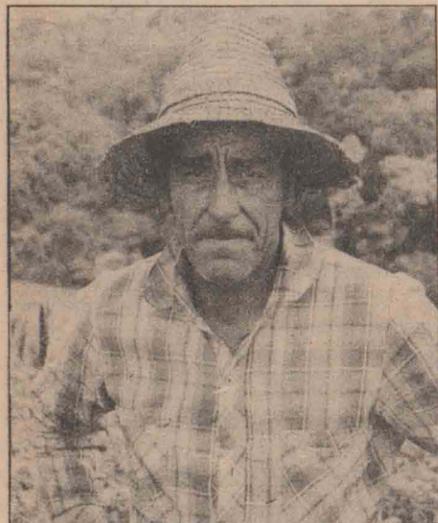
As brocas das axilas devem ser combatidas quando for constatado que de 25 a 30 por cento dos ponteiros das plantas apresentavam danos.

As variedades tardias exigem maior atenção por parte do produtor quanto ao controle dos percevejos. Com a colheita das variedades precoces, os percevejos se transferem para as lavouras que ainda permanecem.

Cultura de retorno rápido

Proprietário de 20 hectares de terra em Rincão dos Júlios, no município de Coronel Bicaco, o seu Mariano Pedroso vem despertando a curiosidade da vizinhança com a sua lavoura de feijão. "Desde que comecei a trabalhar com lavoura, há uns seis anos atrás, o feijão tem sido a cultura principal", conta ele. O mais interessante nisso tudo, é que o seu Mariano costuma fazer três safras numa mesma área e ao mesmo tempo, consorciando feijão com milho e mais tarde com a soja. "Até o pessoal da televisão lá de Porto Alegre, há uns dois anos atrás, conta o seu Mariano, andou visitando a minha lavoura, para mostrar para o resto dos produtores o sistema de cultivo que adoto. Apareci num destes programas que aparecem todos os domingos e falam da agricultura".

O seu Mariano não faz safra de inverno, que não compensa plantar trigo. Forrageiras também nunca arriscou. Prefere deixar a terra em repouso durante o inverno, coberta pela serralha ou buva. Com a terra em pousio, ele tem condições de adiantar a safra de feijão, "que não preciso esperar por colheita nenhuma. A terra está desocupada". Só



Mariano Pedroso: retorno rápido

gosta de trabalhar com culturas de verão, intercalando o cultivo. Um ano faz três safras, outro ano faz duas, dependendo da colocação e do preço dos produtos no mercado. Se vê que o ano vai ser ruim para o milho, não planta naquele ano. "Quem sabe se fizesse só lavoura de soja, até tirava mais dinheiro, que a soja compensa mais que o feijão. Só não ia ter a garantia que tenho com as três plantas. Se der uma frustração, posso equilibrar com as outras culturas".

O FEIJÃO E A SOJA

Na verdade desde a safra passada o seu Mariano não tem consorciado as três culturas, o feijão, o milho e a soja. Na safra anterior plantou apenas o milho com a soja. Não plantou o feijão e acha que saiu ganhando dinheiro, porque a cultura, "pelo que reparei pela vizinhança, foi louca de mal". Nesta safra voltou a plantar o feijão e a soja, mas não quer saber do milho na mesma área. "Desta vez fiz um cantinho de milho, só prô gasto".

O tipo de solo, pedregoso, facilita o plantio das três culturas, sem prejudicar nenhuma delas. Ele começa plantando duas carreiras de milho, a uma distância de 50 centímetros (pareado) e depois seis carreiras de feijão e assim, sucessivamente. Na época de floração do feijão, ele coloca a soja.

Nesta safra o plantio da soja atrasou um pouco em virtude do tempo que não chovia, mas a planta já tem quase uns 30 dias. A colheita de feijão é toda feita à mão, que não atrapalha e nem prejudica as demais culturas que ficam na lavoura.

O seu Mariano explica que escolheu o feijão como cultura principal na sua propriedade (nesta sa-

fra o feijão ocupa 14 hectares) por ser uma cultura de retorno rápido. Em 90 dias ele está pronto para ser colhido. Outro aspecto que influiu na escolha do feijão, foi as características da propriedade, formada por terras dobradas, onde até pouco mais de seis anos atrás era tudo mato.

PREJUÍZOS DA ESTIAGEM

O feijão sempre produziu muito bem nas terras do seu Mariano. A média de produção tem ficado entre 1.200 a 1.350 quilos por hectare. Mas neste ano em consequência da estiagem, acredita que a colheita não vai passar de 1.000 quilos por hectare. "Já deu duas estiagens nesta safra, e a pior delas foi justamente a segunda, que ocorreu durante a formação do grão". Também nunca colocou um quilo sequer de adubo químico nas suas terras e nesta safra de feijão, nem a

uréia chegou a aplicar, que achou desnecessária. O seu Mariano explica melhor porque até agora vem dispensando o uso da adubação química nas suas terras:

— Não sou contra o adubo, mas como as minhas terras são de mato, ricas em matéria orgânica e de poucos anos de cultivo, elas ainda não necessitam de adubação química. O que tenho feito todos os anos, tem sido devolver prá terra as restevras das culturas, tanto faz do feijão, como da soja. Espalho a resteva onde observo que a terra é mais fraca".

A intenção do seu Mariano é a de continuar plantando feijão, sempre em consórcio com alguma outra cultura, "enquanto a terra suportar". Só levo medo é que com o tempo e o cultivo intensivo do feijão sempre em cima do feijão, começa aparecer algumas doenças na terra".

Sistema arriscado

Valdomiro Dallabrida, técnico agrícola da Unidade de Coronel Bicaco, acha um tanto arriscado o sistema de cultivo que o seu Mariano Pedroso vem empregando nas suas terras, "embora ele deixe o solo em pousio durante todo o inverno". A grande preocupação do Dallabrida é o problema do feijão ocupar sempre a mesma área, "sem nenhuma rotação de culturas".

Segundo o técnico, mesmo que o seu Mariano venha consorciando o feijão com outras culturas, como o milho ou a soja, mais adiante ele vai enfrentar problemas de doenças na terra. "O desgaste da terra é grande. A tendência é começar a cair a produção, principalmente do feijão. O aparecimento de doenças, em consequência do cultivo intensivo, vai começar a comprometer a produção", alerta Dallabrida. A solução no caso, seria a rotação de culturas dentro da mesma área, "mas para isso o seu Mariano precisa programar melhor a sua propriedade". Observa ainda que apesar do cultivo intensivo do feijão, o seu Mariano leva a vantagem de trabalhar uma terra nova e dobrada, onde praticamente toda a lavoura é feita a "bico de máquina", que trator não entra. "A situação dele é um tanto diferente por estas duas características. Então, alguma coisa ele sempre vai tirar, seja o feijão, o milho, ou a soja".

Outro aspecto levantado pelo Dallabrida, é que o seu Mariano está consorciando culturas que não têm problemas de doenças em comum. Como o milho é uma gramínea e o feijão uma oleaginosa, ne-

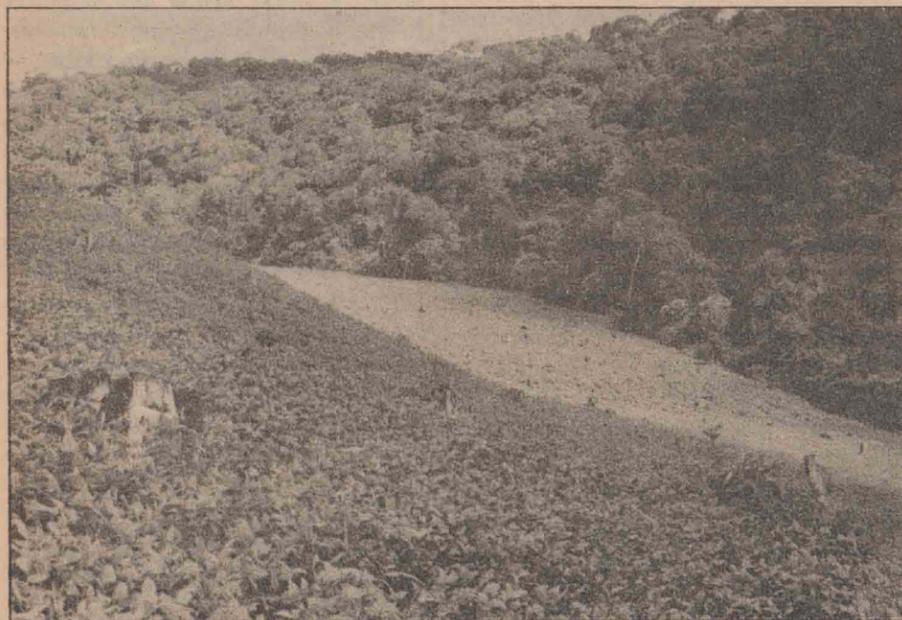


Valdomiro Dallabrida: um tanto arriscado

ninguma transmite qualquer doença para a outra.

O POUSIO NO INVERNO

O que tem ajudado bastante a terra nestes anos de cultivo, segundo o Dallabrida, é que durante mais ou menos seis meses por ano, o seu Mariano deixa a terra descansar, "em pousio". O inço cobre a terra, que não fica descoberta, sujeita a ação dos ventos e das chuvas. "Outro aspecto a considerar é que tudo o que seu Mariano tira da terra, ele devolve através da resteva. Isto tem ajudado bastante". Mas seguramente, não vai levar muito tempo para ele ter de fazer uma boa correção no solo e utilizar adubação química, que até hoje ainda não aplicou nem para a soja. O seu Mariano, inclusive, pretende fazer a safrinha de feijão. "Vai plantar feijão em cima de feijão duas vezes numa mesma safra. Ai já é querer demais da terra", diz o técnico.



A lavoura de feijão ocupa 14 hectares

Num balanço das culturas de inverno a diversificação contou pontos

A área de trigo vem reduzindo de ano para ano. Parte desta situação pode ser creditada a falta de sementes na última safra e um tanto para a diversificação que vem crescendo na região. Na safra de 82 foram plantados 166.600 hectares de trigo. Em 83 a área caiu para 81.500 hectares. O rendimento médio voltou a crescer na última safra. O trigo passou um ano razoável com um rendimento médio em torno de 989 quilos por hectare, apesar do atraso no plantio e das doenças fúngicas, que tiveram como causa principal o excesso de umidade e as altas temperaturas ocorridas durante o inverno. As chuvas afetaram apenas o desenvolvimento inicial da planta. Só em Ijuí, de janeiro a julho do ano passado, choveu cerca de dois mil milímetros, quando se sabe que a média anual do município é de 1.600 milímetros. De julho a outubro houve uma boa distribuição das chuvas, mas a partir da segunda quinzena de novembro deu uma estiagem de 45 dias, afetando as culturas de verão. Embora o trigo continue predominando na região em termos de ocupação de área, outras alternativas como a colza, a cevada e principalmente as forrageiras, começam a ganhar espaços na lavoura, se firmando como opções para a região. Notou-se a partir desta safra de inverno uma melhor distribuição das culturas no solo, de forma mais diversificada, crescendo bastante a adubação verde. Só nesta safra foram plantados mais de 1.500 hectares de colza, visando a incorporação. Os trevos e a ervilhaca vêm se firmando como rotação de culturas e com boa aceitação por parte dos produtores, que começam a se conscientizar que com a monocultura, jamais vai se chegar a uma agricultura estável. Mesmo com a diversificação se firmando, em torno de 50 por cento do solo da região ainda permaneceu descoberto neste inverno. Num balanço da safra de inverno, a cevada, e a colza tiveram um desempenho bom. O tremoço doce atravessou um ano de azar. As aveias também não tiveram muita sorte.

Entre as explicações para a produtividade alcançada este ano está a falta de sementes, que fez com que o produtor destinasse as melhores áreas para o trigo, e as condições climáticas favoráveis durante o desenvolvimento. Com a redução da área de trigo, o produtor pode fazer sua lavoura com mais calma e capricho, embora o plantio tenha sido bastante retardado em função das chuvas que não paravam de cair. Mesmo assim, o inverno de 83 foi bom para o trigo. O excesso de umidade e a falta de luminosidade prejudicou um pouco o desenvolvimento das variedades tardias ou daquelas que foram plantadas no tarde, mas depois o tempo correu melhor e o frio apareceu na hora certa. As variedades precoces como a Maringá, a BR-4, BR-5 e a Minuano foram as que apresentaram os melhores resultados. A variedade tardia que apresentou melhor comportamento foi a CNT-8, bastante resistente as viroses causadas pelo excesso de umidade e altas temperaturas.

De um modo geral, o ataque de pragas e doenças foi normal, com exceção de algumas variedades como a Maringá, CNT-9, e a CNT-10 que tiveram problemas de ferrugem, giberela, septória, bem no final do ciclo. Pode-se dizer que a ferrugem foi a grande responsável pelas perdas ocorridas no trigo na safra passada.

A área de trigo, em relação a safra de 82 caiu em 49 por cento, baixando para 81.500 hectares, isso só na Região Pioneira. O rendimento médio ficou em 989 quilos por hectare. A média geral de produtividade caiu em função do rendimento das variedades tardias. O recebimento pela Cotrijuí, mesmo com a redução da área aumentou em 17 por cento em relação a safra anterior. As perdas ocasionadas por geadas foram pequenas.

LINHAÇA: MERCADO ABERTO

A linhaça teve uma área de 2.790 hectares e um rendimento médio em torno de 830 quilos por hectare. Esta cultura vinha crescendo em área, chegando inclusive na safra de 81 a atingir 4.908 hectares, baixando em 82 para pouco mais de 1.800 hectares. O crescimento da área em relação a safra 82 foi de 48 por cento. É uma cultura com poucos riscos técnicos e na última safra apresentou as melhores condições fitossanitárias. A linhaça entrou mais no esquema de rotação de cul-

turas e a própria falta de semente de trigo favoreceu o aumento do cultivo. É uma cultura que não tem apresentado problemas de doenças e nem de pragas. As chuvas atrasaram um pouco o plantio, mas mesmo assim a planta apresentou um bom desenvolvimento. O problema maior aconteceu durante a colheita, quando as chuvas voltaram e a planta começou a rebrotar na lavoura. A linhaça para apresentar melhores resultados precisa ser plantada mais no cedo, por maio, para ser colhida em novembro, já que seu ciclo é bastante longo. O recebimento da Cooperativa aumentou em 281 por cento em relação a safra anterior.

O mercado para a linhaça está em aberto. A procura do produto é muito maior que a oferta. Os preços continuam em alta pela ausência do produto no mercado. O preço pago ao produtor, como adiantamento da bonificação foi de Cr\$ 1.000,00 por saco.

CEVADA: DESENVOLVIMENTO SATISFATÓRIO

A cevada teve uma área de 5.660 hectares. O aumento da área em relação a safra de 82 foi de apenas 0,5 por cento. O rendimento médio ficou em 1.133 quilos por hectare. Não é uma cultura recomendada para rotação com o trigo porque sofre o ataque das mesmas doenças, como a septória, por exemplo. Foi um ano bom para a cevada. De um modo geral não enfrentou problemas de doenças e nem de pragas. Algumas lavouras localizadas em Jóia e Augusto Pestana tiveram sérios problemas com a mancha reticular, uma doença que ataca a raiz.

O mercado para a cevada continua firme e os compradores são garantidos. Os preços estão regulados pelo governo, atualmente em torno de Cr\$ 85,00 por quilo. A tendência da área de cevada é de aumentar em função da produção obtida nesta safra.

TREMOÇO: PROBLEMAS DE DOENÇAS

O tremoço amargo que vinha sendo utilizado para incorporação, nem está mais sendo cultivado. Já o tremoço doce, que seria de maior interesse para a rotação de culturas, vem apresentando sérios problemas de doenças. A produtividade caiu bastante em função da antracnose e

também devido as condições climáticas. Estas variedades que estão sendo plantadas vieram do Chile e ainda não se adaptaram muito bem ao clima da região. O clima ainda favoreceu o ataque de doenças fúngicas.

A procura por semente de tremoço vem diminuindo bastante nos últimos anos, sendo substituído por outras culturas como a colza, aveia, ervilhaca e trevos. Isto se explica pelas frutificações da safra passada e pelos problemas de doenças que vem liquidando com o tremoço pela região. O preço pago como adiantamento aos produtores de semente foi de Cr\$ 120,00 por quilo.

ALHO: BOM DESEMPENHO PARA AS TARDIAS

O alho alcançou um rendimento médio de 2.059 quilos por hectare, caindo em apenas dois por cento em relação a safra 82. A produção total foi de 98 toneladas. A área ficou em 145 hectares, superando a safra anterior em apenas um hectare.

Esta é a sexta safra de alho produzida por associados da Cotrijuí. As chuvas que se estenderam de abril até agosto retardaram o plantio da lavoura, refletindo diretamente no comportamento de determinadas variedades, como as precoces Amarante, Gaúcho, Lavínia e Centenário, que ainda enfrentaram problemas de doenças fúngicas. Já as variedades Portela e Roxo tiveram melhor desempenho que as demais. Este resultado certamente vai influenciar o interesse pela Portela, uma variedade de maior cotação no mercado e que vem sendo incentivada com maior insistência pela própria Cotrijuí, dado também as suas características de produção.

Produtos de boa qualidade sempre terão mercado garantido. "Quem produzir produtos de qualidade vai poder competir com o produto importado e portanto, conseguir bons preços", diz o Nelcir Baroni, responsável pela comercialização do alho na Cotrijuí. Os produtores de sementes receberam de adiantamento, pelo alho Portela, classificado como graúdo, Cr\$ 800,00 pelo quilo; Cr\$ 400,00 pelo classificado como médio e Cr\$ 200,00 pelo alho indústria. Pelo Gaúcho, classificado como graúdo, receberam de adiantamento Cr\$ 600,00; pelo médio Cr\$ 400,00 e Cr\$ 200,00 pelo indústria.

Tabela 01 - Demonstrativo do Desempenho das principais culturas de inverno, produção de grãos (indústria e semente) - safra 82/83 - Região Pioneira - COTRIJUI

Culturas	Área plantada		Rendimento médio			Produção total			Recebimento Região Pioneira da Cotrijuí				
	82/83	% em relação 81/82	82/83		% em relação 81/82	82/83		82/83			% em relação a prod. total	% em relação a receb. 81/82	
			Previsto kg/ha	Colhido kg/ha		Previsto (t)	Colhida (t)	Indústria (t)	Semente (t)	Total (t)			
Trigo	81.500	- 49,0	1.160	989,0	+ 127,9	94.540	80.930	+ 11,9	41.161	13.201	54.362,0	67,2	+ 17,9
Aveia	8.930	- 39,3	1.067	870,0	+ 137,7	9.528	7.770	+ 44,4	1.446	1.551	2.997,0	38,6	+ 86,2
Cevada	5.660	+ 0,5	1.199	1.133	+ 215,6	6.786	6.414	+ 217,3	4.743	-	4.743,0	73,9	+ 1.306,2
Linhaça	2.790	+ 48,4	858	830	+ 84,7	2.394	2.315	+ 144,3	354	211	565	24,4	+ 281,0
Colza	1.730	+ 30,7	1.020	920	+ 13,0	1.765	1.593	+ 135,2	165	47	212	13,3	- 88,8
Alho	145	+ 0,7	2.696	2.059	- 2,3	391	299	- 1,5	75	23	98	32,9	+ 16,9

Fonte: Boletins Informativos Semanais Safra - Custos e Estatísticas - COTRIJUI (Recebimento)

As forrageiras ocupando espaços e se firmando como alternativas de inverno

A área de aveia sofreu uma redução na última safra, baixando de 14.700 hectares em 82, para 8.930 hectares em 83. A razão principal para a redução na área foi a falta de sementes. A Cotrijuí tentou amenizar o problema importando sementes da Argentina, mas mesmo assim, a área ficou reduzida em 39 por cento. A semente chegou tarde demais. Por outro lado, a produção também não foi das melhores, com uma quebra em torno de 20 por cento, como consequência do ataque de doenças fúngicas causadas pelo excesso de chuvas e temperaturas elevadas. A estimativa de produção que era de 9.528 toneladas, baixou para 7.770. O rendimento médio obtido foi de 870 quilos por hectare. As doenças fúngicas atacaram mais para o fim do ciclo, bem na fase de emborrachamento da aveia, frustrando um pouco as expectativas de recebimento. No finalzinho, ela ainda sofreu um ataque violento de lagartas. Mas apesar da redução da área a produção recebida aumentou em 86 por cento em relação a safra de 82.

Algumas linhagens básicas como a CTC-78 B 207, UPF-77, SO 30 (UPF-4), e UPF-77 S256-5 (UPF 3) tiveram um bom comportamento, apresentando um rendimento médio de dois mil quilos por hectare. As demais básicas não tiveram um bom comportamento, se assemelhando com as variedades tradicionais, como a Coronado, a Suregrain e a 1.095A, que não atingiram 1.000 quilos por hectare. A aveia preta teve uma boa produção e não chegou a ser atingida pelas doenças fúngicas. Bem no final do ciclo teve problemas de lagartas.

O mercado para aveias vem se mostrando bom e a Cotrijuí não tem encontrado dificuldades para colocar suas sementes no mercado, principalmente de aveia preta. Os produtores de semente da Cotrijuí receberam um adiantamento em torno de Cr\$ 150,00 por quilo para as aveias brancas e amarelas e Cr\$ 180,00 pelo quilo das aveias pretas e básicas. O Mato Grosso do Sul está comprometido a comprar em torno de 450 mil quilos de semente de aveia preta.

O produto indústria também vem encontrando boa receptividade no mercado, principalmente para alimentação animal. A Cotrijuí está trabalhando este ano apenas com preço médio. "No ano passado, explica o Ênio Weber, o preço médio alcançou Cr\$ 30,00 por qui-

lo". A expectativa agora é de que o preço chegue a Cr\$ 180,00 por quilo de aveia, "que pode ser considerado muito bom".

Por apresentar grande volume de massa, a aveia preta vem sendo aproveitada como cultura antecessora da soja. O produtor vem fazendo o plantio direto, utilizando a aveia como cobertura para o solo.

AZEVÉM: BOA OFERTA

O início do crescimento do azevém foi prejudicado pelo excesso de chuvas, mas a partir da primavera a lavoura teve um bom desenvolvimento. Em toda a Regional Pioneira foram plantados 325 hectares com azevém, com um rendimento médio em torno de 500 quilos por hectare. A Cotrijuí dispõe de boa oferta de sementes, apesar de alguns lotes apresentarem problemas com fungos. O azevém, a exemplo da aveia preta, também vem ganhando espaço na lavoura como cultura antecessora a soja,

sendo utilizada tanto como cobertura vegetal como controladora de invasoras, principalmente da guaxuma e o papuã.

A produção de azevém em todo o Estado foi muito boa, mesmo assim o mercado é crescente, criando boas perspectivas para a comercialização. A Cotrijuí deverá dispor em torno de 200 toneladas de semente.

TREVOS: PLANTIO ATRASADO

A procura de semente de trevos no início do plantio foi grande, mas as chuvaradas evitaram a formação de muitas lavouras. As lavouras que foram plantadas, mesmo atrasadas, tiveram um desenvolvimento muito bom. A área plantada com trevos foi de mais ou menos 120 hectares. A maior parte da colheita ainda está por ser feita. As lavouras de trevo vermelho, foram bastante prejudicadas pela "cuscuta" ou "cabelo de anjo", como é mais conhecida. A grande incidên-

cia desta invasora, fez com que algumas áreas tivessem de ser eliminadas. Afora os inços, os trevos vermelhos e ainda os brancos foram prejudicados pela estiagem. Os trevos subterrâneos, ao contrário dos demais, foram prejudicados pelo excesso de chuvas que caíram bem na época de formação do grão. Algumas práticas com trevos, realizadas no CTC, estão sendo levadas até alguns produtores, como a do plantio direto do milho em cima dos trevos. Resultados ainda não existem, mas já se pode observar que seria mais uma alternativa de conservação do solo. Para a próxima safra a intenção do pessoal do CTC é a de trabalhar com variedades mais precoces, para que na época do plantio do milho, os trevos já estejam em final de ciclo, evitando assim a concorrência com o milho.

As perspectivas de mercado para os trevos são boas, principalmente na região fronteira do Estado. A produção de trevos na área de ação da Cotrijuí ainda é muito pequena em relação a procura. Segundo o Auri Braga, seguramente que nesta safra existiria colocação para 30 toneladas de sementes de trevos. Os preços adiantamento pagos aos produtores de semente variaram de Cr\$ 800,00 a Cr\$ 1.000,00 por quilo, dependendo da variedade.

ERVILHACA: NOVA ALTERNATIVA

A exemplo das demais culturas de inverno, a ervilhaca também teve seu plantio retardado por causa das chuvas. Afora as condições climáticas adversas, ainda faltou semente. A área de plantio ficou em torno de 32 hectares com um rendimento médio de 760 quilos por hectare. Como a ervilhaca precisa do auxílio de uma outra planta, que lhe sirva de suporte, ela foi plantada em consórcio com o tremoço. Não apresentou os resultados esperados porque o tremoço também não foi bem e tampouco funcionou como suporte. Na fase de formação do grão, a ervilhaca sofreu o ataque de moléstias. As lavouras mais atingidas foram justamente aquelas mais tardias. A perspectiva de recebimento é de 20 mil quilos. Uma lavoura localizada em Chiapetta surpreendeu pelo desenvolvimento vegetativo. A planta floresceu mais no cedo e o rendimento foi de 600 quilos por hectare. Este material que ainda não está bem identificado, será trazido para o CTC para ser melhor avaliado, mas é seguramente uma excelente alternativa como cobertura do solo no inverno.

A repercussão da aveia

A falta de semente de trigo no inverno passado foi o motivo principal que levou o seu Cezarino Stochero, de Ijuí, a plantar um pedaço da sua terra com aveia. Acostumado a lidar apenas com o trigo no inverno, o seu Cezarino ficou meio indeciso no começo, mas quando viu aquela terra desocupada, pensou melhor e achou que valia a pena plantar uma outra cultura, "mesmo que fosse meio arriscado", do que deixá-la sem nada. Os resultados com a aveia foram tão surpreendentes, que hoje ele pensa em plantar apenas aveia na próxima safra, "que o trigo não dá mais".

O plantio da aveia foi feito no primeiro dia de agosto, que o tempo chuvoso não deixou fazer antes. Espalhou a semente em cima da terra, "meio ralo, que gosto de planta esparramada" e depois passou a grade por cima. A aveia nasceu bem, sem problemas de doenças e nem de pragas. Foi a atração de São Valentim, como ele conta:

— A minha lavoura foi uma novidade aqui na região. Vinha gente de todos os lados para olhar a lavoura, que parecia um paredão de tão alta e parelha e sem nenhum acamamento. Não tinha problemas de pulgão ou de doenças e isso que o tempo correu brabo, com chuva, sol e um mormaço. O trigo chegou a pretear de tanta ferrugem, mas a aveia continuou firme, resistindo a tudo.

Dos 118 quilos de semente da variedade UPF-77, o seu Cezarino



Cezarino Stochero: plantar só aveia

chegou a colher 4.500 quilos. Garante que do jeito que foi a planta, se tivesse plantado uns 15 sacos, tinha tirado uns 500 de colheita, "de tanto que a planta carregou".

Para a próxima safra seu Cezarino garante que não quer mais saber do trigo. "Vou encher a minha terra de aveia, que além de produzir bem, é um benefício para a terra". Pelos seus planos pretende plantar um pouco da UPF-77 e também da CTC-4, "só para experimentar esta outra variedade que o pessoal anda falando bem". A terra precisa descansar um pouco do trigo. Se o tempo correr bem, pretende adiantar o plantio, "prá ver se em agosto já dá colheita e quem sabe planto novamente e até faço duas safras numa só. Plantando em agosto, por novembro já está pronta".

Colza: assegurando mercado e crescendo na lavoura

Certamente que o preço compensador que a colza vem alcançando no mercado servirá como fator decisivo para o aumento da área de cultivo da região. A procura por parte das indústrias e também dos varejistas que utilizam como alimento para os pássaros, tem sido grande. "Se tivéssemos 500 toneladas de colza, teríamos colocação garantida", diz o Ênio Weber, coordenador da área de comercialização da Cotrijuí. "O preço que temos hoje, em torno de Cr\$ 22.000,00 por saco, muito superior ao do trigo e mais a grande procura por parte das indústrias, servirão de incentivos para que o pessoal volte a plantar colza". Segundo o Weber, todo o trabalho feito em cima da colza surtiu o efeito desejado. "Aquele receio em torno da colza já não existe mais. Prova disto é a grande procura por parte das indústrias que a estão utilizando também na fabricação de óleo comestível".

O Luís Volney de Mattos Viau, agrônomo e responsável pelos trabalhos de colza realizado no CTC, também concorda que a cultura está tendo uma boa resposta à nível de comercialização. "Por ou-

tro lado, acha que cada vez mais a colza vem se firmando com uma alternativa viável para a região. As oscilações de produção, segundo o Volney, estão em função da própria tecnologia empregada na lavoura, como por exemplo, o uso de adubo insuficiente. "É uma planta de baixo custo, mas exigente em fertilidade e que vem ganhando espaços nas lavouras".

Numa comparação com o trigo e considerando o aspecto preço, o Volney diz que seguramente a colza teve o mesmo rendimento, "ainda mais se considerarmos o baixo custo da lavoura". "É claro, lembra ainda o Volney, que a sua área de cultivo não pode ser comparada nem de perto com a do trigo. E isto também não significa que o produtor vá deixar de plantar trigo para

plantar a colza. É mais como uma opção de diversificação".

RENDIMENTO VIÁVEL

O inverno passado também não foi muito favorável ao cultivo da colza. O plantio foi fora de época e as chuvas prejudicaram o desenvolvimento tanto das lavouras destinadas a produção de grãos, como para incorporação. O rendimento a nível de produção foi muito variável, oscilando entre 260 a 1.280 quilos por hectare. Mesmo assim, o rendimento médio ficou em 920 quilos por hectare, com um aumento de 13 por cento em relação a safra anterior. A área total cultivada com colza foi de 3.290 hectares, sendo que 1.730 hectares foram destinados a produção de grãos. O restante da lavoura, 1.560 hectares foram utilizados como adubação verde, com a planta sendo incorporada ao solo bem na época da floração. A utilização da colza como adubação verde vem crescendo bastante na região. O aumento da área cultivada com colza na última safra, em relação a 82 foi de 30,7 por cento. A variedade, que apesar das condições climáticas adversas apresentou melhor comportamento foi a CTC-4. O recebimento da Cotrijuí ficou em torno de 210 toneladas.



A colza se firmando como alternativa de inverno

Satisfeito com o trigo

"Este ano fiquei satisfeito com o trigo", conta o seu Lino Pavani Roque, de São Miguel em Augusto Pestana. "Até poderia ter colhido bem mais se a chuva não tivesse atrapalhado um pouco". Entre terra arrendada e própria, seu Lino tem

uns 100 hectares, que enche todos os anos com o trigo, "que a meu ver ainda é a cultura de inverno mais garantida".

Na última safra plantou 100 sacos da variedade Maringá, "a melhor que temos por aqui" e obteve um rendimento médio de 1.050 quilos por hectare. O dinheiro deu para pagar o financiamento e ainda sobrou alguma coisa, "que o preço do trigo não anda muito bom". Na sua opinião, considerando o custo de formação da lavoura que é bastante alto, o preço tinha que ser mais compensador, como diz:

— Se os juros não fossem essa exorbitância que estão cobrando, até que estes preços que estão pagando servia bem. No entanto, o preço da farinha de trigo é muito melhor. Acho que existe uma desproporção no preço.

O seu Lino foi tão bem com o trigo, que nem a ferrugem que andou atacando muitas lavouras apareceu no seu trigo. Satisfeito com os resultados, já está programando plantar uns 150 sacos de trigo na próxima safra.



Lino Roque: mais garantido

Bons resultados

Depois de quase 20 anos sem lidar com a linhaça, o seu Armindo João Stiebe, de Santo Augusto, achou que estava na hora de introduzir novamente a cultura na sua propriedade, ao lado do trigo, da aveia e da colza. Fez uma lavoura de 25 hectares e tirou 300 sacos de semente, com uma colheita que considerou das melhores:

— A linhaça foi a única planta que neste inverno me rendeu alguma coisa. A colza, a aveia e o trigo só me deram prejuízo.

A decisão de introduzir também a linhaça na propriedade aconteceu mais pelo fato de que o seu Armindo chegou a conclusão que estava na hora de fazer rotação de culturas. A terra vinha aparecendo muito manchada e a solução que encontrou para dar uma recuperada no solo foi partir para a rotação. Alguns benefícios ele acha que até já conseguiu, principalmente com a colza, como conta:

— Na safra de 81 plantei 10 hectares com colza e neste inverno, meu sobrinho plantou trigo em cima. Os resultados foram excelentes.



Armindo Stiebe: a única que rendeu

Ele tirou 20 sacos por um de planta e ainda por cima, não apareceu uma mancha sequer na lavoura. E antes as manchas emendavam umas nas outras.

A linhaça foi plantada no tarde, sem adubação, apenas com o cal "Füller". O adubo o seu Armindo guardou para o trigo "e mesmo assim não me deu resultado". Na próxima safra de inverno a intenção é de aumentar a área de linhaça para 40 hectares, "que mais não dá, senão o preço cai demais".

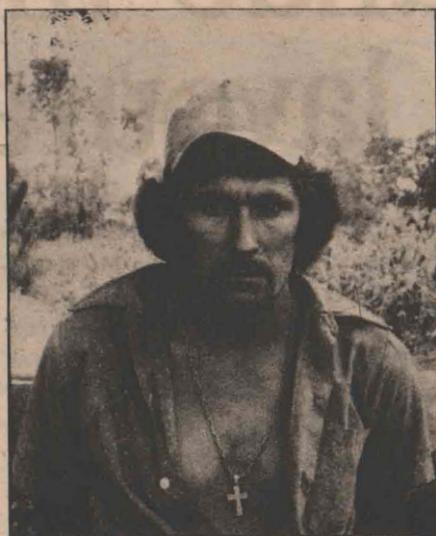


Experiência com a colza

"Nem o tremoço bate a colza na recuperação da terra. É de ver a massa que fica a terra. Solta e fofa", dizia o seu Milton Júlio Ribeiro, de Rincão dos Júlios, em Coronel Bicaco, que na safra passada resolveu fazer uma experiência plantando nove hectares com colza para a produção de grãos. Não foi muito bem com a cultura, que bem na época da germinação veio uma chuva forte e arrancou muita planta. A lavoura ficou rala demais e alguns pedaços nem chegaram a produzir grãos. Mas o seu Júlio acha que mesmo assim, compensou plantar a colza, como conta:

— O meu interesse maior é pela recuperação da terra. O que a colza retira da terra, ela devolve com juros e correção. Este é o maior lucro. Antes enchia toda a terra só com trigo, mas agora me decidi partir para diversificação com rotação de cultura, que a terra anda esgotada demais.

O seu Júlio colheu 52 sacos de colza. Com o dinheiro pagou o financiamento da lavoura, mais os juros e ainda uma dívida que tinha no Banco. "O preço da colza ainda é um dos melhores que existe para a produção agrícola", diz o seu Júlio, que mesmo tendo gostado de lidar com a planta, não tem intenções de voltar a plantá-la na próxima safra de inverno. Ele explica as razões:



Milton Ribeiro: recuperação da terra

— Estou fazendo uma experiência e quero ver quais culturas deixam mais resultados na terra. Na próxima safra vou dividir meus 25 hectares em quatro áreas e plantar trigo, aveia, linhaça e cevada. Primeiro quero ver o comportamento da terra com a rotação de culturas.

A variedade plantada pelo seu Milton foi a CTC-4. Fez o plantio em junho, "já bastante atrasado", com duas coberturas com uréia, utilizando 40 quilos por hectare de cada vez. Garante que na próxima vez que se decidir a plantar colza, quer fazer a lavoura mais no cedo, "que senão ela atrasa em muito a lavoura da soja".

Faltou sorte

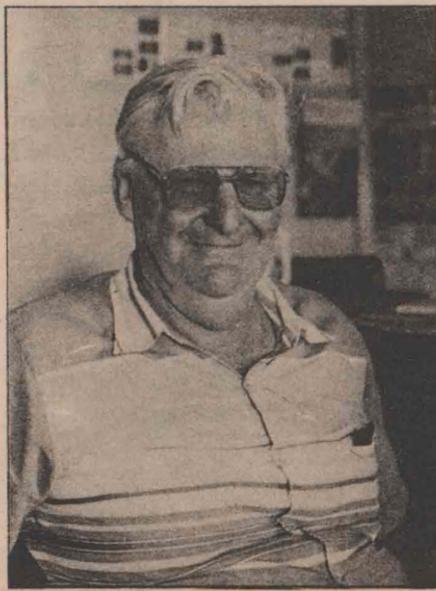
Por uns três anos seguidos o seu Lotário Bruisma, de Linha Progresso, em Augusto Pestana, cultivou o tremoço amargo para incorporação. Na safra passada, resolveu substituir o amargo pelo doce, visando não apenas a produção de grãos, mas também ocupar a terra nos meses de inverno "que não podemos mais deixar a descoberto" e também a rotação de culturas.

Seu Lotário não teve muita sorte com o tremoço, "que quase não me rendeu nada". Dos 200 quilos de sementes plantada nos três hectares, colheu 900 quilos. "Só colhi esse tanto porque o clima ajudou a planta. Se tivesse dado um clima brabo mais pô fim da lavoura, nem tinha colhido nada". A lavoura, segundo ele, foi feita como manda a orientação técnica, com adubação na base de 100 quilos por hectare. Ele acha que a planta não rendeu muito porque a lavoura ficou muito fechada, "usei na base de 66 quilos de semente por hectare". Durante o desenvolvimento a planta sofreu um ataque violento de antracnose e ainda foi tomada pelos inços, principalmente pela serrilha". Na próxima safra diz que vai usar, no máximo, 50 quilos de semente por hectare.

Apesar de um tanto frustrado com o tremoço, seu Lotário garan-

te que volta a plantar no próximo inverno. "Pelas despesas com preparo da terra, adubação, semente, até que nem valia a pena, mas como a gente precisa ver mais longe, vou arriscar mais uma vez". Neste ano de experiência pode perceber que é uma planta exigente e que não gosta de terra fraca. Diz o seu Lotário:

— Precisamos arriscar em alguma coisa. O trigo que era a cultura mais resistente para o clima da região, já anda apresentando problemas. Como não podemos ficar sem plantar no inverno, temos que ir arriscando e experimentando as opções que temos.



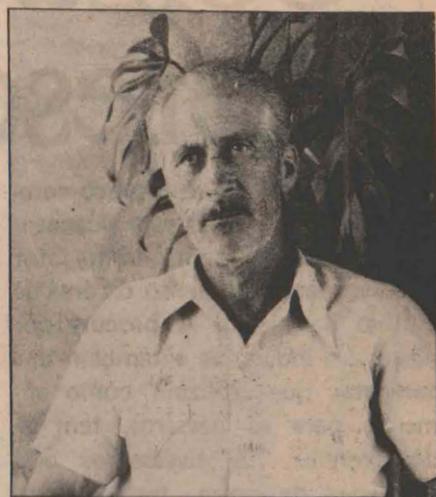
Lotário Bruisma: produção de grãos

Colheita razoável

"Esse inverno correu bem para a cevada", diz o seu Zica Bigolin, da Linha 11 Leste, em Ijuí, que há cinco anos vem plantando a cevada como mais uma alternativa de produção na safra de inverno. Ele diz:

— Planto a cevada mais por causa do trigo que não tem mais jeito de produzir alguma coisa. Também é uma reserva que faço, caso o milho falhe no verão. Sempre guardo um pouco de cevada para alimentar a criação. Em produção a cevada rende mais que o trigo. Em preço eles empatam.

Seu Bigolin diz que a sua cevada não foi de tanto rendimento no ano passado. "Fiz uma colheita razoável". Mas a lavoura correu sadia, sem ataques de pragas ou doenças, "como aconteceu em outras safras, quando até tivemos de controlar o ataque de lagartas, que senão ia destruir a lavoura". O cacho formou muito bem, "que tem anos que não forma direitinho e daí a produção é menor ainda", e a planta amadureceu parelha. Dos 23 sacos de semente de planta, seu Bigolin colheu uns 400 sacos.



Zica Bigolin: colheita na hora

O tempo de lida com a cultura mostrou ao seu Bigolin que a cevada é uma planta milindrosa na colheita, "que tem de ser feita na hora certa". Depois que amadurece não pode pegar chuva, que a semente preteia, perde a qualidade e as fábricas não querem saber de comprar". Diz que prefere colher um pouco verde e pagar secagem do que correr o risco de esperar a planta amadurecer de toda na lavoura. "Depois de uma chuva, ela só serve pro trato da criação".

Arriscando no alho



Abílio e Zebino Massafra: arriscar em outras culturas

Os irmãos Zebino e Abílio Massafra, de Santa Lúcia, em Ijuí, começaram a plantar alho em 81, quando chegaram a conclusão que o trigo estava se transformando numa planta cara demais e que ainda por cima não apresentava o rendimento esperado. "A gente tem que se arriscar e plantar tudo quando é miudeza, que se não dá uma cultura, dá a outra e a frustração não é tão violenta". O povo tá meio viciado de fazer só uma cultura, mas depois da última frustração de soja, muita gente mudou o pensamento. Nunca se perdeu tanta soja, depois de ter dado tanto".

O seu Zebino plantou 16 quilos de alho, e só não plantou mais porque faltou semente. Foi bem com a planta, sem muitos problemas com ataque de moléstias. "O alho deu mais ou menos".

Seu Abílio fez a sua lavoura na

resteva da soja, "que nem precisa de adubo", onde semeou 22 quilos de semente de alho. Diz que passou uma trabalhama grande para preparar a terra, que ainda estava úmida demais quando pateou e assim mesmo não ficou muito boa. "Logo depois de pateada passei a grade para desfazer os torrões e ainda assim a terra ficou firme. Foi preciso dar uma afogada com a enxada, que alho gosta de terra fofa para se desenvolver.

Logo depois da germinação veio uma chuva forte "e um morço brabo, amarelado a planta". Depois o tempo firmou e a planta se recuperou. Tem certeza que vai fazer uma safra boa, melhor que a de 82, "quando plantei apenas seis quilos de alho e colhi 85 quilos do alho classificado como graúdo e 45 quilos como médio".

Pagamento no dia certo evita formação de fila

Desde o dia 16 de dezembro o leite está com novos preços a nível de produtor e de consumidor. Na cidade, quem quiser tomar leite pasteurizado, precisará desembolsar Cr\$ 250,00 pelo litro, o que representa um aumento de 25 por cento sobre o preço de comercialização que vigorava desde outubro.

Já os produtores passam a receber Cr\$ 173,00 pelo litro de leite consumo, Cr\$ 166,00 pelo leite indústria, Cr\$ 37,50 pelo ácido e Cr\$ 121,00 pelo leite excesso. O aumento de preços, a nível de produtor, representa apenas 23,5 por cento por litro no caso do leite consumo e de 24,8 por cento no leite indústria. Mais uma vez, o aumento para os consumidores não foi repassado integralmente para os produtores, mesmo que a diferença entre os aumentos respectivos pareça pequena.

No acumulado do ano de 83, o leite consumo sofreu um aumento de 214,5 por cento para o produtor, pois se começou o ano re-

cebendo Cr\$ 55,00 pelo litro de leite considerado consumo. Enquanto isto, os consumidores tiveram que pagar 216,4 por cento a mais, já que na mesma época o litro custava Cr\$ 79,00 contra os Cr\$ 250,00 atuais

FILA NO PAGAMENTO

A confusão no pagamento do leite, especialmente na unidade de Ijuí, com a formação de longas filas junto ao caixa do Banco do Brasil, é um problema que vem preocupando o setor de pecuária leiteira da Cotrijuí. Para evitar estas filas, vem sendo feita uma programação de datas de pagamento, realizando em dias diferentes o pagamento aos produtores de três ou quatro linhas. Mesmo assim, entretanto, os problemas continuam, como explica João Valmir Cezimbra Lopes, que está assumindo a coordenação do setor:

— Acontece dos produtores nem sempre seguirem o esquema de pagamento que foi montado, vindo receber fora do dia programado para a sua linha. Com is-

to, se forma às vezes a confusão. Por esta razão, nós solicitamos que os produtores prestem atenção nos anúncios sobre os dias de pagamento divulgados no programa de rádio do domingo e ainda nos dias de semana, vindo receber conforme o dia de sua linha. Se aparece todo mundo no mesmo dia, não temos condições físicas de atender com rapidez, já que o pagamento do leite é todo feito através do caixa avançado do Banco do Brasil.

O maior problema de atendimento, segundo o Lopes, se localiza em Ijuí, onde cerca de 1.200 associados se dedicam à atividade leiteira. A coleta do leite é dividida em 16 linhas, sendo o pagamento programado



João Lopes: novas alternativas

para quatro linhas por dia. Mesmo assim, na média, é muita gente para receber o pagamento num dia só:

— Nós pensamos que talvez seja preciso buscar outras alternativas de pagamento, buscando facilitar mais para o produtor e

também para a cooperativa. Está em estudo a idéia de creditar o valor do pagamento do leite diretamente na conta-corrente do produtor, mas isto deverá ser mais aprofundado e também discutido para ver a viabilidade desta mudança.

O Lopes lembra que mesmo creditando na conta-corrente o pagamento do leite, isto não significará imediatamente que as filas acabem de vez. É que normalmente os produtores retiram o dinheiro para fazer algumas compras, e é provável que venham à cooperativa sacar seu pagamento. Se todos vierem no mesmo dia, é inevitável a formação de filas. Então temos que pensar em outras soluções que conciliem as coisas.

Suinocultura ameaçada

Uma nova doença, conhecida por "Mal de Aujeski" ou "Pseudo Raiva", volta a ameaçar o rebanho suíno brasileiro. A nova doença caracteriza-se por causar distúrbios no sistema nervoso central do animal.

Esta nova doença, segundo o veterinário Herivelton Ramos Pinto, da Inspeção Veterinária de Ijuí, ainda não foi diagnosticada no Rio Grande do Sul, "mas já vem dizimando animais pelos estados de São Paulo e Santa Catarina". O alerta da Inspeção Veterinária é de que os criadores da região, principalmente de suínos, se mantenham atentos para qualquer sintoma, pois o "mal de Aujeski" se espalha facilmente pelo resto da criação, matando inclusive cães, gatos, bovino e ratos. "Razão pela qual, os produtores de suínos devem procurar combater os ratos da propriedade", alerta o veterinário.

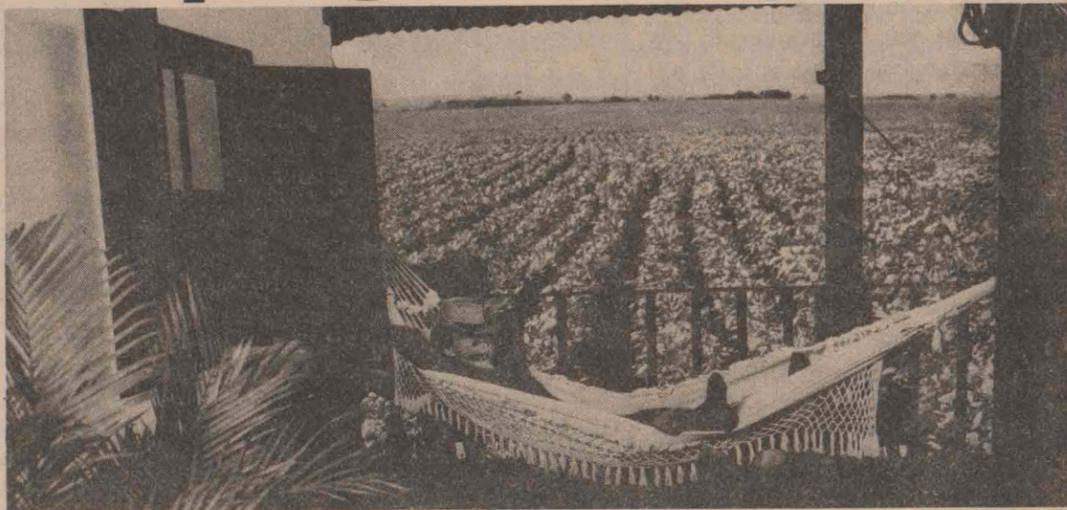
O "Mal de Aujeski" ataca, com alta mortalidade, leitões com até quatro semanas de vida. Nos leitões de três a cinco meses, a doença se manifesta através de vômitos, febre alta, paralisia posterior (o animal cambaleia ao caminhar), salivação abundante e tremores musculares. Nas porcas criadeiras os sintomas se manifestam com o aborto (índice de 50 por cento) no primeiro mês de prenhez. Os leitões já nascem mortos.

Os animais adultos resistem mais a doença, mas tornam-se seus portadores, espalhando o vírus pelo resto da criação através da secreção do nariz.

Como orientações aos criadores de suínos da região, Herivelton Pinto faz as seguintes recomendações:

- Em caso de suspeita da doença, procurar a Inspeção Veterinária do município, pronta para prestar todos os auxílios necessários aos criadores;
- Que os produtores somente comprem suínos reprodutores, se os mesmos tiverem atestado negativo da doença de Aujeski;
- Procurar não introduzir animais na propriedade, sem antes consultar a Inspeção Veterinária;
- Exigir que o caminhão que irá transportar os suínos esteja desinfetado;
- Não visitar outras propriedades que estejam com problemas sanitários.

"Eu não faço nada contra as pragas da soja."



"Quem faz é Nuvacron."



Quem já usou Nuvacron comprovou: não precisou fazer nada contra as três principais pragas da soja que tiram o sossego do agricultor — a lagarta, o percevejo e a broca. Nuvacron sumiu com elas e permitiu ao agricultor ficar com tempo e tranquilidade de sobra para cuidar de outros afazeres mais importantes da fazenda. É que Nuvacron age por *contato*, *ingestão* e *ação sistêmica*.

Por exemplo: se uma praga andar na superfície de uma folha de soja, ela será eliminada ao menor *contato* com Nuvacron. Se a praga *comer* a folha também não escapará, já estará condenada. Pragas como o percevejo, que costuma atacar a soja após a floração, também são eliminadas, porque Nuvacron tem *ação sistêmica*, permanecendo ativo e vigilante no interior da planta, sem

riscos de ser lavado pelas chuvas e com o mesmo poder de proteção, demonstrado durante a fase inicial da soja e até a sua floração. Toda essa proteção de Nuvacron, nas doses recomendadas, ainda oferece os melhores custos por hectare. Nuvacron é tudo isso. Com ele a sua soja chega "tranquila" e segura até a colheita.

CIBA-GEIGY
DIV. AGROQUÍMICA

Só o tempo para mostrar os resultados da experiência

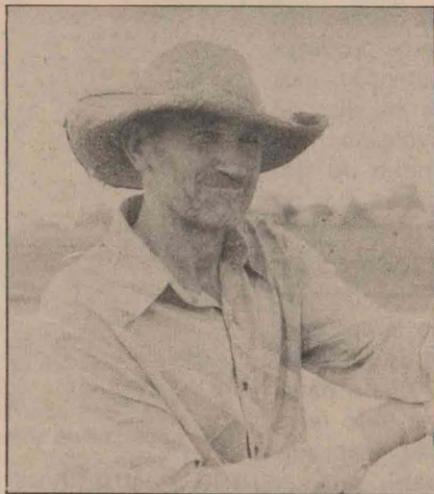
"A vontade que eu tinha era de botar fogo em cima dessa palha toda", explicava o seu Alberto Fengler a cada um dos vizinhos que aparecia na sua lavoura, localizada em Coronel Barros, para dar uma olhada na trabalhadeira que a máquina estava passando para semear a soja em cima da palha da aveia. O que mais atraía a atenção do pessoal era o grande volume de palha que se espalhava por toda a lavoura de oito hectares. Cada um vizinho que chegava dava a sua opinião. Uns achavam que o seu Alberto deveria ter queimado toda aquela palha, que a soja não ia nascer nada parelha. Já o seu Bruno Schneider, por exemplo, achava que o seu Alberto estava no caminho certo, "que o futuro está no plantio direto". A terra, explicava o seu Bruno ainda, só está úmida, apesar de toda esta estiagem, porque a palha está servindo de cobertura ao solo".

O seu Alberto, que já fez algum plantio direto em cima da resteva do trigo, mas nunca havia experimentado em cima da palha da aveia, confessava aos seus vizinhos, que só não tinha queimado a palha, "que acho meio demais", porque resolveu dar crédito aos conselhos do técnico da Cooperativa. Sabia por experiência que a germinação em cima da palha do trigo é mais parelha. Com a palha da aveia ainda não tinha lidado.

— O técnico vinha aqui e explicava que palha não se queima à toa, que pode ser melhor aproveitada como cobertura do solo. Também nunca fui muito de por fogo em palha. O certo é que se não fosse a palha, do jeito que vem correndo o tempo, nem ia mais fazer a lavoura, que a terra tá seca demais para ser mexida.

A maior preocupação do seu Alberto é com a germinação, que por causa do excesso de palha, pode vir desparelha. Sabia por experiência, que a soja em cima da resteva do trigo nasce parelha, "sem falhas". Como nunca lidou com a aveia, se mostrava um pouco preocupado. "A meu ver tem pedaços de lavoura com palha demais e onde a sementeira deveria ser mais profunda".

A colheita, segundo o seu Alberto é que vai mostrar os resultados da experiência, "isso se o tempo correr bem". Contou que nesta área estava acostumado a colher em safras anteriores, uma média de 430 sacos. "Vamos ver o que vai me render agora".



Alberto Fengler: palha demais

O MEDO DAS PRAGAS

Uma outra preocupação que não sai da cabeça do seu Alberto é um possível ataque de pragas na lavoura. Dizia aos seus vizinhos que está torcendo para que este não seja um ano de pragas, pois se a lagarta atacar forte, o controle pode ficar muito difícil por causa da quantia da palha:

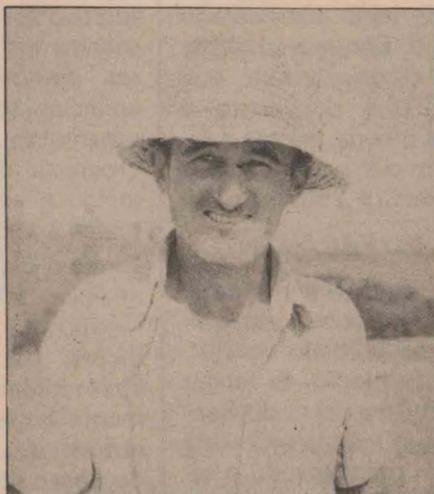
— Estou levando medo é da lagarta. Se der um ataque forte, vou gastar mais dinheiro em veneno. O bicharedo se esconde embaixo da palha e não tem veneno que chegue.

CONFERINDO

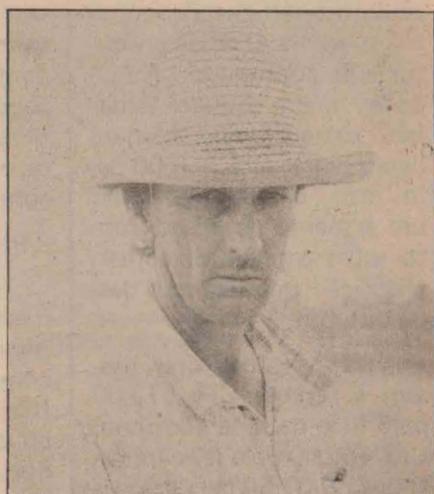
O seu Hélio Griesang, vizinho do seu Alberto, conta que foi até a lavoura para conferir de perto o trabalho de plantio direto da soja em cima da palha da aveia. Gostou do que viu e acha que realmente a utilização da palha na lavoura, como cobertura para o solo, é uma coisa que precisa ser levado mais à sério por muito produtor, que ainda hoje teima em tocar fogo nas restevas das culturas. Apesar de se mostrar a favor do plantio direto, o seu Hélio vê alguns inconvenientes, que atrapalham a adoção do sistema por muitos produtores interessados, como conta:

— O produtor precisa dispor de máquina especial para fazer o plantio direto, que com estas utilizadas para o plantio convencional não dá muito certo. Nestes dias de crise, ninguém anda capitalizado para investir em novas máquinas para a propriedade. Também conta como aspecto negativo os terrenos brabos da colônia, que não ajudam muito.

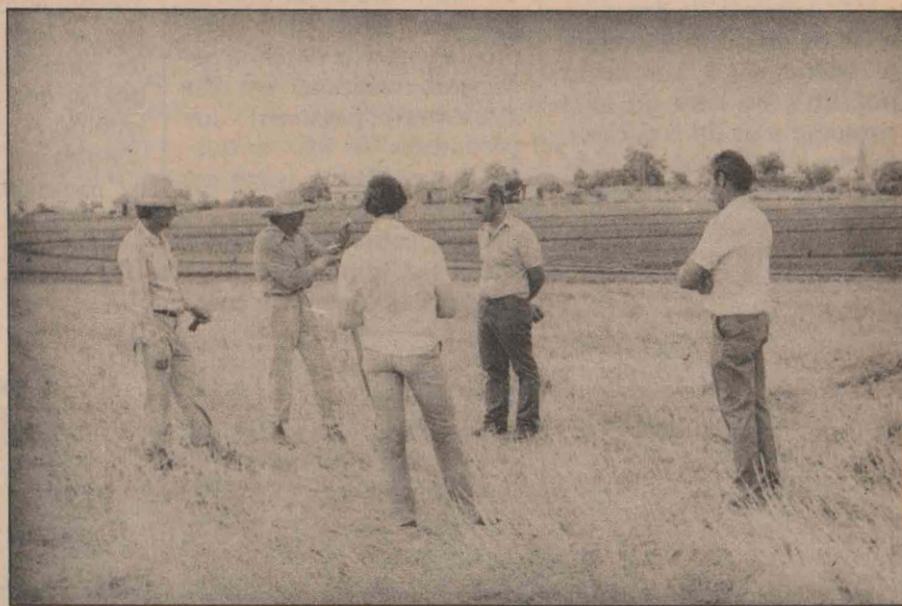
A palha, segundo o seu Hélio, protege o solo contra o calor do sol e ainda conserva a umidade. "Onde



Bruno Schneider: futuro garantido



Hélio Griesang: pode dar lagartas



Os vizinhos foram ver o plantio da soja em cima da palha da aveia preta

não tem palha, que o solo está descoberto, a terra fica que é uma cinza de queimada". Com a terra seca demais, não tem planta que resista a tanto tempo sem chuva. Diz ainda que tem certeza que qualquer planta em cima da palha germina mais parelha e com mais vigor, do que se tivesse sido plantada numa terra remexida e exposta ao sol. "A planta vem louca de linda".

O medo do seu Hélio, a exemplo do que também ocorre com o seu Alberto, é com um possível ataque de lagartas:

— Só não sei se com tanta palha assim, um ataque brabo de lagarta é de fácil controle. Inço sei que não tem problema. Sei por experiência, que numa lavoura, quanto mais palha protegendo o solo, menor é a incidência de inços.

FUTURO GARANTIDO

Um outro vizinho, o seu Bruno Schneider vê o plantio direto como "futuro garantido", como costuma falar para seus conhecidos, que ainda duvidam dos benefícios que deixa no solo.

O seu Bruno foi até a lavoura do seu Alberto para contar também um pouco da sua experiência em plantio direto tanto em cima da resteva do trigo como da aveia. Contou que sempre fez uma boa safra, com excelentes resultados. Também explicou que a praga não é problema, que o ataque se torna muito mais violento quando a palha é queimada e não sobra nada por cima da terra, além das cinzas. Ele diz:

— Sempre tirei colheitas excelentes com a soja plantada na resteva de outras culturas. Também a lagarta nunca me tirou o sono. Isso é conversa. O que o produtor precisa mesmo se conscientizar, é de que está na hora de parar de mexer tanto na terra, que já anda judiada demais.

Afora as conversas com os amigos, o seu Bruno também queria ver de perto o desempenho da plantadeira que estava sendo testada, que de plantio direto ele já tem muita experiência. Só lamenta que muito produtor ainda não acredite nas suas vantagens.

Benefícios no solo

O responsável pela manutenção da resteva da aveia na lavoura do seu Alberto Fengler foi o técnico agrícola, Pedro Pittol, da Unidade de Ijuí, que com muita conversa, conseguiu impedir que quase seis toneladas de palha seca fossem queimadas, "como estavam sugerindo alguns dos seus vizinhos", explica. "Está certo, admite o Pittol, "que existia um volume muito grande de palha pela lavoura, mas nem por isso se justificaria a queima da resteva, uma técnica ultrapassada e que não tem mais razão de ser empregada pelos malefícios que traz ao solo". Nestas alturas, segundo o técnico, os produtores já deveriam estar conscientizados da necessidade da resteva de qualquer cultura sobre o solo, quer seja de soja, trigo, aveia, feijão, servindo como proteção contra a erosão. Também não é mais nenhuma novidade os prejuízos que a queima da palha tem feito, destruindo completamente os microrganismos do solo.

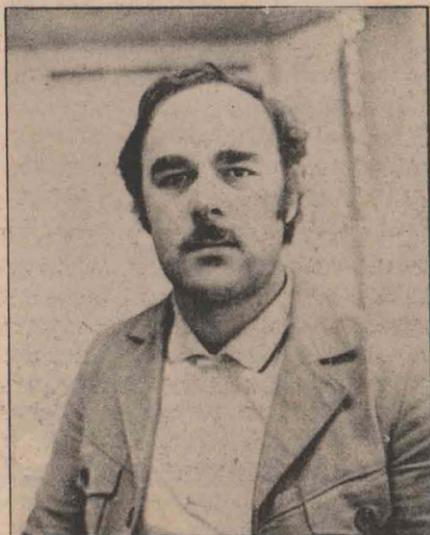
Nesta área demonstrativa de soja, o seu Alberto havia plantado aveia preta durante o inverno. A cultura veio muito bem, mas o excesso de chuvas e ventos durante a fase de maturação acamou a planta, dificultando a colheita. A palha ficou espalhada de forma desuniforme pela lavoura, atrapalhando, sob certos aspectos o plantio da semente de soja. O Pittol explica melhor:

— Em alguns trechos da lavoura, onde existia excesso de palha, houve dificuldade da máquina enterrar os grãos na profundidade necessária.

Para o plantio foi utilizado uma plantadeira que recém está ingressando no mercado, "mas que já vem demonstrando um excelente desempenho", constituída por discos duplos para a colocação do adubo e da semente em separados. A semeadura foi realizada em linhas de 43 centímetros de distância, "em condições de fechar perfeitamente as entrelinhas", explica o técnico.

O QUE FICA NO SOLO

O Pittol lembrou ainda que todo esse volume de palha deixada sobre o solo, traz tantos benefícios



Pedro Pittol: mais uma alternativa

que o produtor nem chega a imaginar. O Pittol fala destes benefícios:

— No caso da lavoura do seu Alberto, as seis toneladas de palha seca, correspondem a 36 quilos por hectare de nitrogênio, 16 quilos de fósforo e 104 quilos por hectare de potássio. Transformado em adubo químico comercial, esta palha corresponderia a 290 quilos por hectare.

O plantio direto, segundo o Pittol, não é a solução para os problemas da agricultura, "mas apenas uma alternativa". A correção do solo e a rotação de culturas são de fundamental importância para que o produtor obtenha bons resultados com o plantio direto. Só em não mexer a terra, o produtor está ganhando tempo. Tem condições de fazer sua lavoura com maior rapidez e até durante uma estiagem. A germinação, como garante o Pittol, ocorre parelha, bem melhor do que se o plantio tivesse sido realizado pelo sistema convencional, com subsolagem, gradagem e queima da resteva.

— Tem muito produtor que revirou a terra o quanto pode, fez o plantio, mesmo com o tempo seco e a germinação veio toda desaparelhada. O resultado desta operação, é que tem muita gente fazendo replante. A lavoura do seu Alberto, está lá para ser vista. A germinação foi muito boa, apesar da má distribuição da palha e do tempo que vinha correndo sem chuvas.

Muita cobertura no solo e rotação de culturas

"O segredo de tudo está na proteção do solo, seja através de cobertura viva ou morta e na rotação de culturas", concluíram os agricultores na reunião que fizeram para avaliar a viagem de um dia e meio a duas propriedades rurais localizadas em Rolândia no Paraná. Nestas propriedades os agricultores puderam conhecer de perto os resultados do plantio direto, sistema adotado há mais de 10 anos. Além da propriedade o pessoal visitou o IAPAR (Instituto Agrônomo do Paraná), um dos poucos do país a trabalhar em cima de plantio direto.

Os agricultores voltaram impressionados com o grau de conscientização que existe entre os produtores da região no que diz respeito a conservação do solo. "Visitamos uma propriedade, conta o Sadi Pereira, técnico agrícola da Unidade de Ijuí que acompanhou o grupo de agricultores durante toda a viagem, "onde não existia nenhum terraço e muito menos algum problema de erosão". Isto se deve ao fato do pessoal manter o solo sempre coberto. Os resultados com o sistema, pelo que os agricultores puderam constatar, têm sido excelentes. "O milho tem produzido mais de seis mil quilos por hectare. A soja chegou a produzir até 4.200 quilos por hectare", conta o Sadi.

IMPORTÂNCIA NA ROTAÇÃO

A rotação de culturas também ficou evidenciada. Nas conversas com os proprietários das duas lavouras, os agricultores constataram que realmente o milho produz melhor se for plantado logo após uma leguminosa. Ele vem sendo cultivado "e com muito sucesso", em cima do tremoço e da ervilhaca. O melhor resultado alcançado com a soja foi em cima da aveia preta. O feijão tem produzido muito bem em cima do nabo forrageira.

Também chamou atenção do pessoal a grande preocupação que os agricultores da região de Rolândia tem em relação a fertilidade do solo. Anualmente é feita a análise do solo e quando constatam que a fertilidade não está no nível desejado, tratam logo de corrigir o solo, "que não querem saber de lavoura desuniforme", diz o Sadi.

CONSERVAÇÃO DO SOLO

O seu Egídio Dressler, de Chiappetta, voltou impressionado com o trabalho de conservação do solo na região, "que plantio direto já existe por aqui e não é tanta novidade". Segundo contou, os agricultores mantêm desde a margem da lavoura até a beira da estrada com gramíneas. "Não existe erosão", diz.



Egídio Dressler: convivência com inços



Valdir Bönmann: terraços de base larga

A despreocupação do pessoal com relação aos inços também chamou a atenção do seu Egídio. "Eles não têm aquele medo que nós temos dos inços. Claro que o tipo de solo e o clima da região permitem esta convivência com os inços, sem grandes prejuízos". Por causa da infestação de inços nas suas lavouras, seu Egídio vem realizando cultivo mínimo, mas garante que depois do que viu no Paraná, vai arriscar o plantio direto num canto da lavoura, "para observar melhor o comportamento dos inços".

"Estas viagens abrem novos horizontes para o produtor". Ele tem a oportunidade de ver outras experiências", contou seu Valdir Bönmann, da Linha 8 Oeste, em Ijuí. Além do plantio direto, da conservação do solo, da rotação de culturas, o que mais impressionou o seu Valdir foram os terraços de base larga construídos em uma das propriedades. "Depois que o solo vai se recompondo, o pessoal vai desfazendo os terraços, que eles se tornam desnecessários". Também achou muito interessante o manejo adotado no controle das ervas daninhas, realizado na outra propriedade. "O dono da lavoura aproveita a madrugada para aplicar o herbicida. Conforme ele nos contou, durante a madrugada as plantas absorvem melhor o produto aplicado. Afóra isto, ele ainda aproveita o orvalho da madrugada".

HOSPITAL BOM PASTOR S/A.

Av. David José Martins, 1.376 - IJUÍ - RS -
Ao lado da Rádio Repórter - Fone 332-2690

ESTÁ ABERTO A TODA A COMUNIDADE

- Internações em caráter: PARTICULAR, IPE, UNIMED, INPS e FUNRURAL
- Atendimento médico nas áreas de: CLÍNICA MÉDICA, CIRURGIA, PEDIATRIA, GINECOLOGIA e OBSTETRÍCIA.
- Serviço de ENDOSCOPIA e ENDOFOTOGRAFIA DIGESTIVA
- PLANTÃO MÉDICO: Consultas nas 24 horas do dia, inclusive sábados, domingos e feriados.

Roubo de animais preocupa agricultores



Agricultores se reuniram para discutir furtos de animais

O grande número de furtos de animais e produtos agrícolas que vem ocorrendo nas propriedades localizadas no interior do município de Ijuí, mobilizou cerca de 40 agricultores, que na tarde do dia 15 de dezembro passado, foram até a sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, para em conjunto com o delegado de polícia local, Jorge Pacheco, discutir providências a serem tomadas para que os roubos não tenham continuidade. No final da reunião, os agricultores entregaram ao delegado Jorge Pacheco um abaixo-assinado contendo 1.001 assinaturas de agricultores, pedindo providências imediatas no sentido de conter a ação dos abigeatários.

Os agricultores apresentaram um levantamento dos furtos que tinham conhecimento. 'Pelo que puderam constatar, nestes dois últimos anos, foram furtados 70 animais, com um prejuízo em torno de Cr\$ 14 milhões. Constataram ainda, através do levantamento, que a área do interior do município preferida pelos abigeatários, localiza-se entre as Linhas 3 e 6 Oeste. Só nestas Linhas foram constatados 18 casos e 27 animais furtados.

De acordo com os agricultores, a situação tem se agravado nos últimos dois anos. "O aumento do número de furtos, lembrou o Carlos Karlinski, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, talvez tenha como razão principal o problema social gerado pelo desemprego e também subemprego, além de

alguns interesses econômicos. "Alguém deve estar comercializando ilegalmente o produto dos animais abatidos ilegalmente".

Os agricultores também lembraram ao delegado Pacheco, que não são apenas os animais que estão sendo alvo da ação dos ladrões pelo interior do município, "mas também produtos agrícolas destinados a subsistência da família", o que eleva ainda mais a cifra de prejuízos.

COLABORAÇÃO

O delegado Pacheco, revelou aos agricultores presentes a reunião, que de janeiro de 83 até o final do ano, foram registrados na delegacia de Polícia 39 casos de abigeato. Isto significa, segundo o delegado, que houve uma redução desde a sua posse como delegado de Polícia. De acordo com os dados que apresentou, no mês de setembro quando foi empossado, foram registrados oito casos de abigeato. Em outubro este número caiu para seis e para apenas dois em novembro.

Aos agricultores presentes ao encontro, o delegado Pacheco prometeu intensificar as investigações na intenção de apurar os responsáveis pelos furtos, mas pediu a colaboração de todos. Para que as investigações tenham andamento, o delegado pediu que os agricultores lhe forneçam todas as pistas disponíveis e também para que levem ao seu conhecimento todo e qualquer caso de furto pelo interior do município.

Só aplique defensivos na sua lavoura depois de conversar com um agrônomo ou técnico. Eles poderão informá-lo sobre a melhor maneira de usar qualquer veneno.

Ensinando a tricotar

A área feminina do setor de Comunicação e Educação da Unidade de Chiapetta concluiu neste final de ano, a realização de três cursos de tricô para esposas e filhas de associados, cumprindo assim, mais uma etapa do trabalho realizado junto aos núcleos femininos, com o objetivo de procurar reduzir custos familiares e também valorizar o trabalho da mulher rural. A realização dos três cursos esteve sob a responsabilidade da comunicadora da Unidade, a Íria Michalski. Em cada encerramento aconteceu uma pequena confraternização entre as participantes dos cursos, seguido de uma exposição dos trabalhos confeccionados durante as aulas, como casacos, vestidos, blusas e roupas de nenê.

O curso no núcleo de Maurício Cardoso teve uma duração de 40 horas/aulas e contou com a participação de 18 pessoas. Participaram do curso de tricô em Maurício Cardoso: Adiles Boiarski, Elaine Boiarski, Elda Menezes, Berta Boiarski, Ladir Estopilha, Cleci Estopilha, Frida Estopilha, Herta Wojciechoski, Marlene Dalferth, Alice Dalferth, Ieda Czyzeski, Leda Sti-

gelmeier, Nair Lima, Terezinha Lopes, Sueli Lopes, Rosa Oliveira, Olanda Guarda Lara e Laura Kühler

No núcleo de São José o curso teve uma duração de 17 horas/aulas e foi desenvolvido nas dependências do CTG Relembrando o Passado. Participaram do curso: Anita Spengler, Arminda Barth, Celonir M. Rotilli, Eva Rochinheski, Gelsi Rosa, Ivanir M. Ratz, Jurema Riske, Mara Scheve, Maria Alice Barth, Natália Perkoski, Nelsi Dellatorre, Maria Oliva Rosa, Nilva Rochinheski, Onívia Spengler, Rosane Colling, Alaides Riske, Neiva T. Hoppen, Lenir Feiten, Ilaine Janke, e Enildes Bogo.

Em Esquina Chiusa o encerramento do curso de tricô aconteceu no final de novembro. O curso foi desenvolvido em 11 horas/aulas e contou com a participação de Bronilda Prochnow, Adilce da Silva, Eloisa F. Santos, Ines Liria Chiusa, Inês Dolores Saggin, Maria F. Chiusa, Maria Ilda dos Santos, Carmem Chiusa, Rosa Lange, Rosa Hinebaske, Maria Lange Estopilha, Sueli Chiusa, Gicela Tontine e Clair Bartsch.

Hospital de Ajuricaba

Campanha para concluir pavilhão

Os produtores de Ajuricaba serão chamados a colaborar para a comunidade concluir a construção do novo pavilhão do hospital do município. Uma comissão, integrada por representantes da Prefeitura, do Sindicato Patronal, Sindicato de Trabalhadores Rurais, Lions, Cotrijuí e da Sociedade Hospitalar Beneficente de Ajuricaba, está desenvolvendo uma ampla campanha de arrecadação financeira para poder concluir as obras do hospital.

No mês de fevereiro serão realizadas reuniões nas várias comunidades do interior e os produtores também serão visitados pela comissão, com o objetivo de buscar a colaboração do meio rural, seja

através da doação de produtos agrícolas (soja, suínos, etc), ou em dinheiro.

O espaço físico do hospital de Ajuricaba é insuficiente para atender a população do município. O prédio velho já não apresenta praticamente condições de atendimento. As obras do novo prédio estão em andamento, mas os recursos são insuficientes para finalizá-las e equipar o hospital eficientemente. Durante o desenvolvimento da campanha pró-construção do hospital, a comissão buscará também conscientizar a comunidade da necessidade que existe de contar com um hospital em condições.

Sindicato empossa nova diretoria

O dia 23 de janeiro foi marcado pela posse da nova diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Augusto Pestana. Eleita para o triênio 84/87, a nova diretoria está prometendo muito trabalho e muita luta frente as reivindicações da classe rural.

Foram empossados Alberto Antônio Bauer, como presidente; Valdenor José Bernardi como secretário e Bruno Van Der Sand, como

tesoureiro. Como suplentes ficaram João Bruisma, Erno Schneider e Arnaldo Rhoden. Para o Conselho Fiscal foram eleitos Emílio Hasst, Osvin Matte e Walter Kogler. Como suplentes ficaram Lotário Bruisma, Diunel Rhoden e Waldir Walter. Foram eleitos como delegados representativos Alberto Antônio Bauer e Bruno Van Der Sand. Na suplência ficaram Delino Scarton e Paulo Junves.

A mulher construindo a história

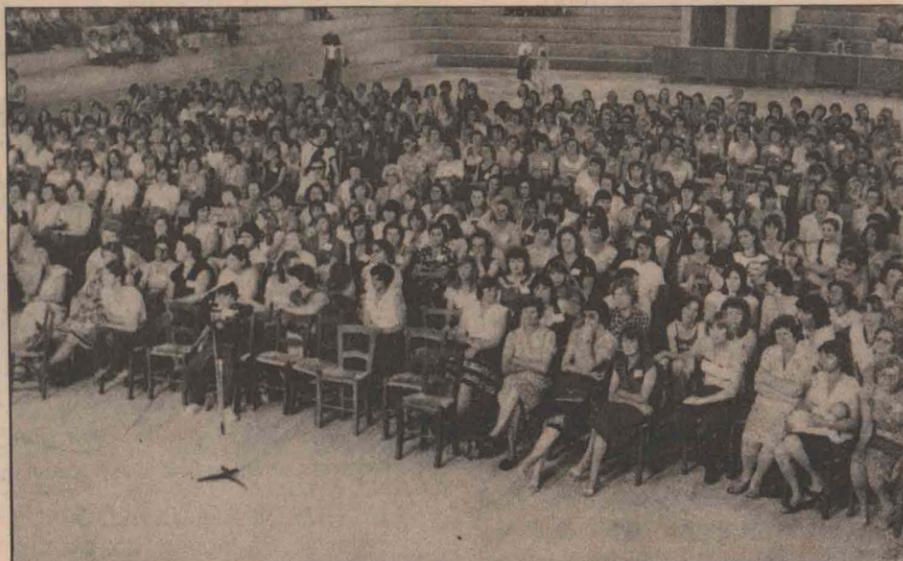
Um ano difícil sob o ponto de vista sócio-econômico do país. Afora a crise econômica do país, que também refletiu sobre a Cotrijuí, tivemos uma frustração na safra de soja, ocasionada pelas chuvas que caíram de maio a julho, quando saíram perdendo os produtores e a cooperativa. Estes e outros fatores refletiram diretamente na realidade sócio-econômica regional e, conseqüentemente, no trabalho da Comunicação e Educação. Fundamentaria esta realidade no texto do professor Walter Frantz (abaixo), que define a Cooperativa como fruto da história concreta dos indivíduos que a integram. Como Empresa, a ação da Cooperativa é enquadrada pelas vias legais e de mercado, dentro dos limites e diretrizes gerais da economia nacional.

Procurando adaptarmos as situações criadas, procuramos desenvolver as atividades programadas para o ano de 83 (quadro abaixo). Além destas atividades demonstradas, convém lembrar as reuniões com os Conselhos de Produtores, os Cursos de Corte e Costura, as viagens à Colônia de Férias no Cassino-Rio Grande, envolvendo 1.785 associados e seus familiares.

Cabe destacar a Feira de Produtos Coloniais realizada em Ijuí, em 20 de julho, no dia do 26º aniversário da Cotrijuí, com o objetivo de mostrar os produtos coloniais produzidos na propriedade do associado e, desta forma, procurar motivar as demais famílias associadas a ingressarem no processo de diversificação.

PROPOSTAS

Com Representantes Eleitos, Representantes de núcleos cooperativados e lideranças, foram realizados, em quase todas as Unidades da Regional Pioneira, cursos sobre Economia e Cooperativismo. Destes cursos saíram várias propostas, como: propriedade mais diversificada, da discussão do curso acontecer também à nível de núcleos e incluir a discussão sobre a ocupação do Rio Grande do Sul e o processo de Modernização da Agricultura.



O III Encontro Integração reuniu mais de 1.000 mulheres

Também devemos salientar a expressiva participação das mulheres líderes dos núcleos cooperativos com proposições muito concretas na área de produção de alimentos. Este fato, assim como a realização da Feira de Produtos Coloniais, vem comprovar a afirmação da Organização de Alimentação e Agricultura da ONU, quando diz que "a participação da mulher na agricultura pode ser até 60 por cento maior que a dos homens. As camponesas em alguns países em desenvolvimento não só produzem quase todos os alimentos necessários a suas famílias, como também são grandes produtores comerciais. Que os projetos relacionados com o cultivo de produtos alimentícios em muitos países deveriam orientar-se basicamente para as mulheres".

ELEIÇÃO

A Comunicação e Educação foi responsável ainda, pela realização da eleição dos Representantes do quadro social da Cooperativa. Dos 14.326 associados aptos a votar participaram da eleição, cumprindo com seu direito de voto, 48 por cento: Foram reeleitos 36 por cento dos Representantes e renovado 64 por cento. Consideramos este fato como um anseio natural do quadro

social frente ao trabalho que os Representantes vinham desenvolvendo.

Já na reunião de posse, os Representantes tiveram a oportunidade de sentir na prática, os resultados das pesquisas realizadas pelo Centro de Treinamento da Cotrijuí. A discussão girou em torno da proposta de viabilização do CTC, assunto que temos certeza, voltará a ser discutido em 84. Os Representantes também já tiveram a oportunidade de aprovar suas metas de trabalho a curto, médio e longo prazo.

A MULHER NA COTRIJUI

Tivemos marcos importantes no trabalho com esposas e filhas de associados, encontro entre núcleos vizinhos, o II Encontro Integração da Mulher Rural de Augusto Pestana, envolvendo mais de 400 pessoas, todos como preparação para o III Encontro Integração de Núcleos Cooperativos de Esposas e Filhas de Associados da Cotrijuí. O III Encontro foi altamente positivo, não apenas pela expressiva participação (mais de 1.000 mulheres), mas pelo nível das discussões. Uma das palestrantes do Encontro, a professora e socióloga Heleith Saffioti, disse que não conhece no Brasil todo um trabalho semelhante, "de organização da mulher". Esta colocação é de grande significação para todas as participantes dos núcleos cooperativos, pois acreditamos que isto sirva de alento para continuarmos trabalhando juntos. Quem fará o trabalho andar serão os próprios núcleos. Só acreditamos no avanço em qualquer trabalho de educação, se o processo for contínuo. Além da continuidade, há a necessidade de produzirmos clareza dos limites e funções das Instituições. 1983 provou que a mulher também está construindo a história da Cotrijuí.

Departamento de Comunicação e Educação - Cotrijuí.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

REUNIÕES	REGIONAL PIONEIRA		DOM PEDRITO	
	Nº	Partic.	Nº	Partic.
Com associados	341	6.493	25	726
Com esposas e filhas de associados	635	10.384	—	—
Com Representantes eleitos	90	1.287	16	192
Com Representantes de núcleos cooperativos de esposas e filhas de associados	18	383	—	—

Obs: Como não existe serviço de Comunicação e Educação organizado no Mato Grosso, a Regional Pioneira realizou um trabalho de assessoramento durante as eleições de Representantes.

Cooperação: nova estratégia de competição

Walter Frantz

Na base da organização cooperativa está o princípio da promoção dos interesses e necessidades de seus associados. Em se tratando de organizações cooperativas de produtores rurais, do tipo das Cooperativas de Comercialização de produtos primários existentes em nosso meio, os interesses e as necessidades dos associados são preponderantemente, de natureza econômica.

O empreendimento cooperativo, portanto, visa a promoção das economias individuais de cada associado. Desta forma, a cooperativa se caracteriza como uma extensão do empreendimento de cada associado, cujos objetivos são os dos próprios associados, e como tal, esta "não pode manter sua existência e exercer atividades, independentemente de seus associados" (citação de Lamming). Numa empresa coopera-

tiva ocorre o inverso do que acontece em outras empresas. Nas cooperativas as atividades são "determinadas e moldadas pelas atividades econômicas de seus associados" (Lamming). Ou melhor, são regidas pelo princípio da promoção dos interesses e necessidades das economias individuais associadas.

ALTERNATIVA

Na economia de mercado, os agentes econômicos individuais, ou seja, em nosso caso, os produtores rurais, recorrem à organização cooperativa sempre que esta aparece como uma alternativa mais vantajosa que a ação individual, quer seja para fazer frente à competição na colocação de seus produtos, quer seja para reduzir custos de operação, para buscar vantagens ou serviços necessários a seus empreendimentos. Enfim, a cooperação, a

ação grupal, sempre ocorre quando a ação individual nas relações de mercado se torna fraca para garantir os melhores resultados possíveis. Nesse caso, a cooperação não é uma proposta de inversão da ordem competitiva, mas uma nova estratégia de competição. A cooperação busca a competição.

A organização cooperativa dos produtores individuais expressa o esforço pela retomada da capacidade competitiva, agora alicerçada em princípios associativos, através dos quais cada um necessita orientar seu novo comportamento de associado. Da natureza dessa organização cooperativa decorrem dois aspectos, cuja compreensão é de fundamental importância para o seu êxito: os indivíduos se associam com o propósito de organizar uma empresa comum, que atenda aos interesses e as

necessidades de suas economias individuais.

Estes dois aspectos estabelecem a base, o ponto de partida para a fixação de uma política de administração da organização cooperativa. É nesses dois aspectos que se fundamenta a proposta da gestão democrática. São eles que orientam as relações entre associados, diretores, funcionários e cooperativa, no que diz respeito à operação da empresa comum. É desses dois aspectos, fundamentalmente, que as atividades de comunicação e educação decorrem como uma necessidade, como elemento básico da prática de administração de uma cooperativa.

O professor Walter Frantz, através do convênio Cotrijuí/Fidene presta um trabalho de assessoria ao Departamento de Comunicação e Educação.

Um trabalho para avaliar a lentilha

Dentro da sua proposta de buscar novas alternativas de produção para a região, quer seja trabalhando novas variedades ou procurando recuperar culturas em desaparecimento, a Cotrijuí, através do Centro de Treinamento, localizado em Augusto Pestana, vem desenvolvendo alguns ensaios com cultivares de lentilha. "A Cotrijuí, explica o Hélio Ito Pohlmann, agrônomo e coordenador da área de hortigranjeiros da Cooperativa, "está se propondo a avaliar algumas variedades à nível regional, com a finalidade de testar a potencialidade de produção deste material". A partir dos resultados dos ensaios, serão selecionadas as melhores variedades, "considerando alguns critérios, como adaptação climática, potencial de produção e resistência ao ataque de doenças e pragas", diz ainda o Hélio. Quando este material estiver pronto, deverá ser distribuído entre os associados interessados, para que seja incrementada a produção na região.

Originária da Região do Mediterrâneo e Regiões Montanhosas da Ásia Menor, a lentilha é uma cultura de clima temperado. Aqui pelo Brasil já teve expressiva participação na comercialização. No Estado, o município de São Pedro do Sul ocupava lugar de destaque, pelo volume de produção que apresentava até alguns anos atrás. Porém, os sucessivos cultivos, sem a introdução de novas variedades, levaram a cultura a uma certa decadência. Atualmente ela não passa de uma cultura de fundo de quintal. A semente utilizada é aquela adquirida nos mercados.

O material que vinha sendo cultivado segundo o Hélio, era uma mistura de variedades, de baixo rendimento e bastante suscetíveis ao ataque de pragas e doenças, principalmente pela antracnose, que atinge as folhas e os ramos mais finos. "Estes fatores desestimularam até os produtores mais tradicionais, que abandonaram a cultura, trocando-a por outras que apresentassem melhores resultados", diz o agrônomo.

TRABALHO EM CONJUNTO

A primeira tentativa do CTC em avaliar algumas variedades de lentilha aconteceu por volta de 1979. Neste ano foi introduzida uma coleção vinda do Chile, mas que não rendeu nenhum resultado positivo. As variedades não se adaptaram ao clima da região e

nenhuma delas chegou a apresentar qualquer resultado que compensasse uma nova tentativa de ensaio com estas cultivares.

Dois anos mais tarde o CTC voltou a fazer experimentos com lentilhas, só que desta vez em conjunto com a Faculdade de Agronomia da Universidade Federal de Santa Maria. Trabalho semelhante vem sendo realizado em outros municípios do Estado, como Cruz Alta, Rio Grande e Viamão, e ainda em Chapecó, em Santa Catarina.

A coleção em teste há dois anos é constituída por cultivares e linhagens vindas da Síria, Chile, México e algumas crioulas. Ao todo a coleção é formada por 20 cultivares. No primeiro ano de implantação, o clima não foi nada favorável ao desenvolvimento da cultura e apenas uma variedade, a I 272 Precoz Híbrida, justamente por ser bastante precoce, produziu 547 quilos por hectare. "Deu muita chuva na época da floração e o grão não chegou a se formar", explica o Jorge Ernesto Garbinatto Zambra, técnico agrícola que vem acompanhando de perto os ensaios. "Quando deu a chuvarada, essa variedade, por apresentar um ciclo de produção bem mais curto que as demais, já estava com o grão formado". Segundo o Zambra, os experimentos conduzidos nos demais municípios, tiveram mais ou menos o mesmo comportamento, destacando-se também apenas a "precoz Híbrida".



Os ensaios procuram avaliar as variedades mais produtivas

MELHORES RESULTADOS

Apesar do atraso no plantio por causa das chuvas, a lentilha teve um excelente desempenho em 83. As condições climáticas durante o desenvolvimento da planta se mostraram bastante favoráveis e a produção alcançou bons resultados. "O comportamento da cultura no ano passado foi excelente, com chuvas normais até o estágio de florescimento da planta", recorda o Zambra. A partir do florescimento e estágio de formação de grãos as chuvas diminuíram, contribuindo para a boa produção.

A cultivar que mais produziu foi a I 244 Crioula de Ibirubá, alcançando um rendimento de 994 quilos por hectare. Em seguida aparece a I 272 Precoz Híbrida, com 992 quilos. A DF9.81 produziu 959 quilos por hectare; a I 276 Verde Du Puy, 895 quilos; e a DF5.81, 830 quilos por hectare. A variedade I 246 Popular de Mercado, a mais conhecida entre os produtores, apresentou uma produção de 492 quilos por hectare. A I 245 Sobradinho, produziu 428 quilos. A cultivar I 277 De Marceille apresentou o menor resultado, com um rendimento final de apenas 34 quilos por hectare. A média de produção das 20 cultivares ficou em torno de 610 quilos por hectare, "uma boa média" diz o Zambra.

A semente da lentilha, se-



Jorge Zambra: acompanhando o trabalho

gundo o técnico foi feita em meados do mês de julho, "já um pouco atrasada". Mais tarde ele realizou mais duas sementeiras, com três linhas para cada variedade plantada. Utilizou uma adubação na base de 133 quilos por hectare de supertríplo, mais 50 quilos de cloreto de potássio e 18 quilos por hectare de uréia. "Para o produtor que dispõe de alguma semente e queira fazer uma lavourinha, aconselhamos a inoculação da semente com rizóbios específicos para obter melhores resultados", diz o Zambra.

Avaliação do comportamento de Linhagens e cultivares de lentilha. CTC, Ijuí/83.

LINHAGENS/ CULTIVARES	Rend. grãos grãos Kg/ha
I 244 Crioula de Ibirubá	994
I 272 Precoz Híbrida	992
DF9.81	959
I 276 Verde Du Puy	895
DF5.81	830
I 237 Precoz Híbrida	765
Precoz Híbrida CTC/82	723
I 241 Verde Paris	681
DF4.81	650
I 268 V. W 000437	602
I 267 Eston	585
I 274 Torano	576
I 270 Eston	508
I 246 Popular Mercado	492
DF3.81	430
I 245 Sobradinho	428
I 238 Anícia	410
I 275 Caste Lluccio	405
I 240 Tekoa	241
I 277 De Marceille	34

Fonte de saúde

A lentilha vem sendo empregada na alimentação humana desde época anterior a era Cristã e até os dias de hoje, para alguns povos da Europa, norte da África, Ásia, Oriente Médio e do Mediterrâneo, tem se constituído como prato trivial, com consumo diário.

Por todo este tempo ela tem sido caracterizada como fonte de saúde e boa sorte, por isso a tradição de celebrar a entrada do Ano Novo com lentilha na mesa. Mas em razão da falta de produto no mercado, a lentilha se tornou um dos alimentos mais caros para os brasileiros. Só como exemplo, neste final de ano, cada consumidor que ainda teve condições de festejar o Ano Novo com lentilha na mesa, teve de se sujeitar a desembolsar mais de Cr\$ 2.000,00 por apenas

um quilo do produto.

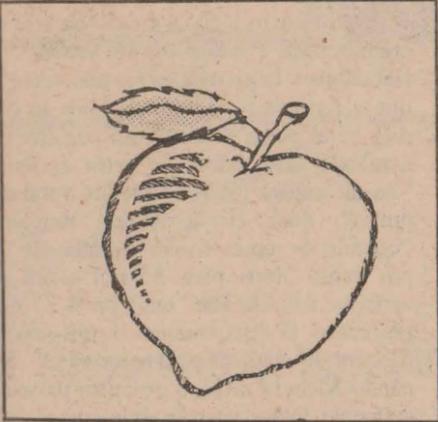
De acordo com os pesquisadores, a lentilha proporciona excelente fonte de proteínas, vitamina "A" e cálcio. Ainda é rica em ferro, manganês e amido. Por esta razão, tem sido indicada como tratamento para pessoas desnutridas.

COMPOSIÇÃO QUÍMICA DA LENTILHA

Proteínas brutas	25,90%
Graxas	1,93%
Celulose	3,92%
Cinzas	3,00%
Água	12,30%
Amido	40,00%
Açúcar	De 1,00 a 3,00%

Fonte: Lentilha - UFSM (Muello e Davila)

A lavoura do mês



FRUTÍFERAS

Os meses de janeiro e fevereiro não são de muito trabalho no pomar, a não ser colher os frutos da ameixa, pera, maçã e uvas.

A produção de pêssegos, ameixas, peras e uvas está muito boa, sendo este um dos melhores anos em produtividade.

Os pêssegos tardios e ameixas nas lavouras onde se observou o tratamento contra as moscas, se mostram muito produtivos, compensando o trabalho e despesas com o pomar.

plenamente às expectativas dos produtores. Assim, a Cooperativa fará o máximo empenho em sempre dispor de sementes de batata com estas características, já estando disponível a batata-semente para o plantio da safrinha, em fins de janeiro-fevereiro. As lavouras da safrinha têm a vantagem de proporcionar produção antes do inverno, quando o produto apresenta facilidade de armazenamento e geralmente preços mais elevados.

As desvantagens para a produção nessa época são a ocorrência de dias com sol muito intenso, o que às vezes pode prejudicar o crescimento, e a eventual ocorrência de geadas nos primeiros dias de abril, quando ainda não se completou o ciclo da planta, podendo prejudicar a produtividade da lavoura.

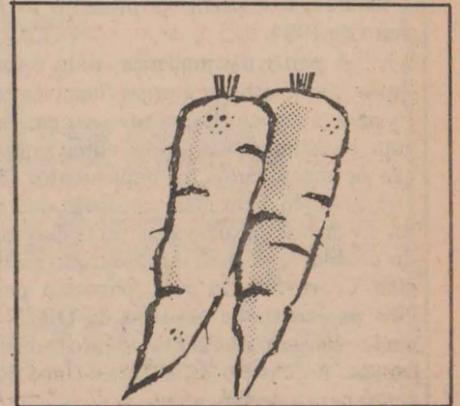
A decisão do plantio é questão que cada um deve tomar. Pode-se dizer, porém, que o cultivo em pequenas áreas é uma boa opção, pois apesar da lavoura correr um pequeno risco, pode-se obter resultados muito bons.

da qualidade da semente utilizada, o que ano a ano vem consagrando seu potencial produtivo.

Agora que se inicia a programação da próxima semeadura, já pode-se ir selecionando os canteiros onde serão produzidas as mudas. Também é hora de trocar idéias com os técnicos sobre variedades e sementes, procurando assim obter os melhores resultados.

A cooperativa já dispõe de sementes das variedades "Baia Periforme", produzidas pelos associados de Dom Pedrito com rigoroso controle técnico, e que hoje é considerada entre as melhores sementes de cebola produzidas no Brasil.

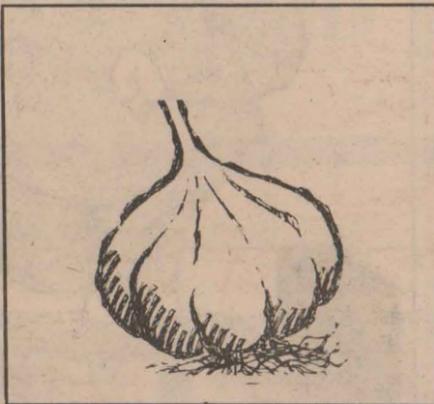
ciados que ficaram com semente em casa que é recomendado encaminhar uma amostra destas sementes de alho para o laboratório. A análise antes do próximo plantio determinará se a semente está livre de doenças que possam comprometer a futura produção.



HORTALIÇAS DIVERSAS

Os meses de janeiro e fevereiro são bons para o plantio de grande número de hortaliças, como a alface, cenoura, beterraba, rabanete, pepino, pimentão e outras. O sol forte que ocorre neste período normalmente prejudica as plantas na fase inicial de desenvolvimento. Para resolver esta situação recomenda-se o uso de esteiras de taquara, que aumentam o sombreamento dos canteiros. Em plantios mais extensivos é difícil sombrear toda área, podendo-se contornar o problema com intensa irrigação que também favorece o crescimento das plantas.

Este plantio é também favorável ao plantio de abobrinha, que começa a maturar a partir de março. A abobrinha é um excelente alimento, apresenta boa capacidade de conservação em galpão, podendo ser consumida ainda por longo tempo após a época de sua colheita.

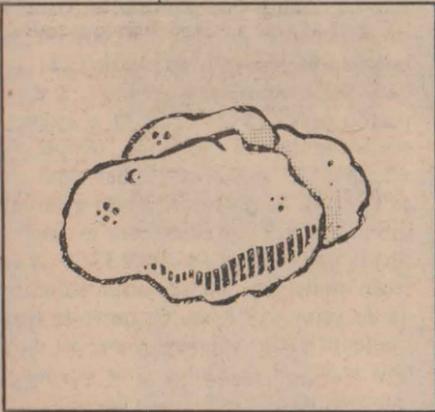


ALHO

Os produtores que irão se dedicar ao cultivo do alho na próxima safra já podem fazer contato com o Departamento Técnico nas unidades para reservar e retirar as sementes.

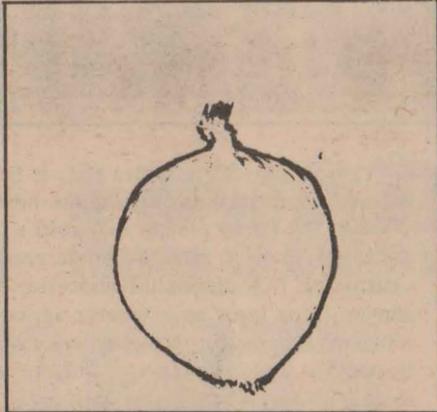
Este contato é igualmente importante para trocar antecipadamente idéias sobre escolha de áreas para o plantio, pois este detalhe é muito importante para garantir o sucesso da cultura.

Lembramos também aos asso-



BATATA

Conforme observamos na edição anterior do Cotrijornal, as batatas produzidas a partir de sementes de alta qualidade corresponderam



CEBOLA

A safra deste ano na Região Pioneira foi muito boa, o que é consequência do clima favorável principalmente no final do ciclo, e

QUADRO DE ÉPOCAS DE SEMEADURA/VARIETADES/ÁREA

	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Repolho			12 m2 Coração de Boi e Matzukase				12 m2 Matzukase, Chumbinho				12 m2 Matzukase, Chumbinho	
Couve			12 m2 Manteiga				12 m2 Manteiga					
Rabanete	4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho		4 m2 Saxa, Redondo vermelho	
Rúcula	6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada			6 m2 Cultivada		
Cenoura			18 m2 Nantes						18 m2 Kuroda			
Alface	12 m2 Kagraner e Maravilha verão		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Boston Branca e Rainha Mai		12 m2 Kagraner e Maravilha verão		12 m2 Kagraner e Maravilha verão	
Beterraba			18 m2 Tall Top						18 m2 Tall Top			
Tomate	50 plantas Yokota							50 plantas Kada, P. Gig.				
Pepino	50 plantas Wisconsin							50 plantas Wisconsin			50 pl. Ginca	
Cebola			2.000 plantas Baia Periforme	2.000 plantas Baia Periforme								

COLHEITA DO MÊS: (para quem segue as sugestões do plantio do quadro acima): Rabanete, Alface, Tomate, Pepino, Repolho

Por que as pessoas fazem Seguro de Vida e de bens? Certamente preocupadas com a situação dos familiares no caso de morte ou danos causados aos bens. Você já pensou como ficam os seus dependentes na ocorrência de qualquer sinistro?

Quem pagará as consequências da imprevidência?

PENSE NISTO.

Faça ou atualize o seu Seguro.

**COTRIEXPORT
CORRETORA DE
SEGUROS LTDA.**

Em Ijuí: Junto às dependências da Cotrijuí.

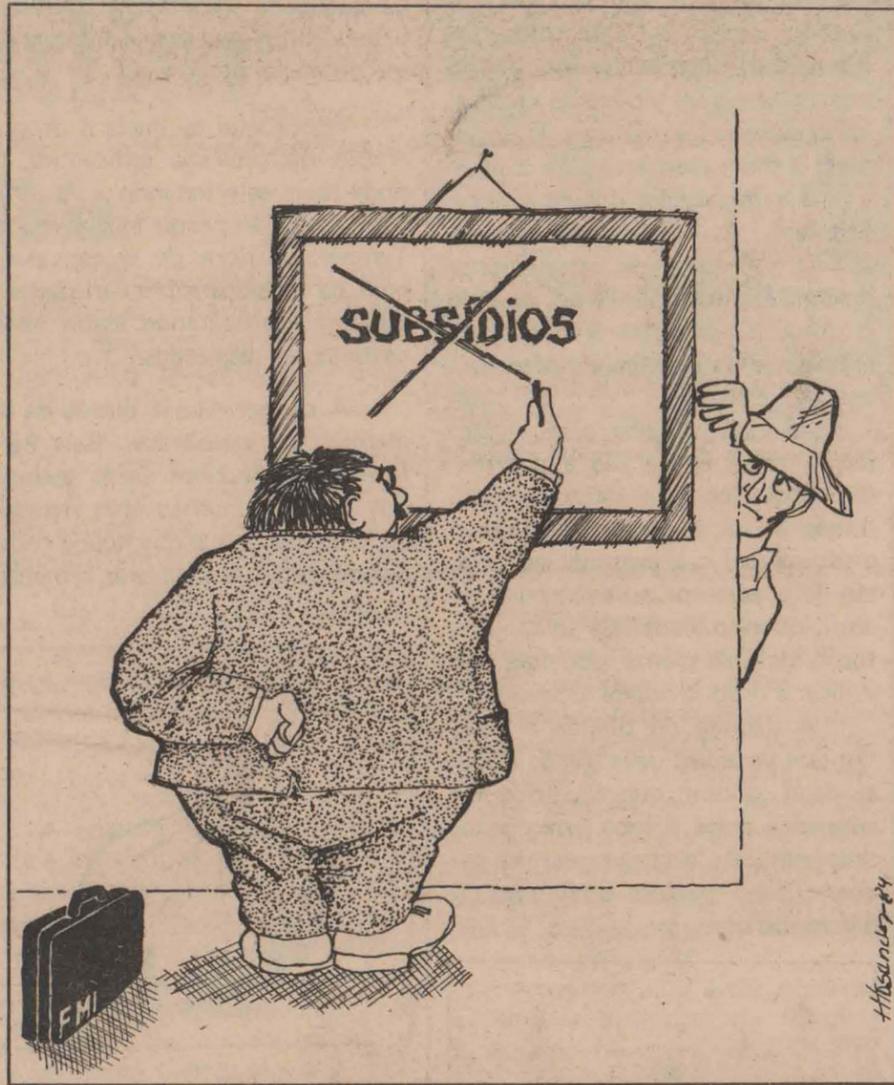
Em POA: Av. Júlio de Castilhos, 342 - fone 22-08-09

Crédito sem subsídio

Não se pode dizer que 1984 tenha merecido alguma comemoração especial por parte do setor agrícola do Centro-Sul do país. A virada do ano trouxe uma surpresa para o setor agrícola: a queda total do subsídio agrícola, que diga-se de passagem, estava prevista para 1985. O setor já vinha convivendo com uma retirada gradativa do subsídio, mas não esperava que o Conselho Monetário Nacional se antecipasse em um ano e decretasse a medida já a partir de primeiro de janeiro de 1984.

A partir das mudanças todo o produtor que se arriscar a pegar financiamento para o custeio da lavoura, ou para algum investimento agrícola, como aquisição de maquinários ou implementos, estará pagando bem mais caro pelo dinheiro. De agora em diante as taxas de juros do crédito rural para os produtores da região Centro-Sul do país, passaram para 100 por cento da variação da ORTN e ainda mais três por cento de juros ao ano no caso do custeio da lavoura e cinco por cento para investimentos.

Vale a pena lembrar que as lavouras de inverno de 83 foram feitas de acordo com as medidas editadas em dezembro de 82, quando o custo de dinheiro ainda estava vinculado a variação do INPC (Índice Nacional dos Preços ao Consumidor). Estas taxas alcançaram um percentual de 60 por cento (que correspondia a 70 por cento do INPC, mais 5 por cento). Já em meados do ano de 83, o Conselho Monetário Nacional faz novas alterações, tomando por base, para a formação da lavoura a correção monetária equivalente à variação das ORTNs, que durante o ano sempre apresentaram índices maiores que o INPC. Assim, os produtores do Centro-Sul fizeram suas lavouras de verão com custeio onde incidia além da correção monetária de 85 por cento da variação da ORTN, mais três por cento ao ano. E a previsão feita na ocasião era de que em 1984 a correção monetária aplicada nos contratos seria de 95 por cento da varia-



ção da ORTN. Apenas a partir de 1985 a variação seria de 100 por cento.

AFETAR A COLHEITA

Certamente que a retirada total do subsídio ao crédito agrícola afetará em parte as despesas com a colheita das culturas de verão. Numa entrevista publicada pelo Jornal Gazeta Mercantil, de São Paulo, o economista da Fundação Getú-

lio Vargas, Tito Ryff, alerta para o fato de que estas medidas resultarão numa elevação "a curto prazo" dos custos da produção para os agricultores da região Centro-Sul. "Os efeitos inflacionários do aumento dos juros para o setor agrícola sobre os preços dos alimentos, em 1984, só poderão ser atenuados com um aumento da produtividade do setor agrícola".

Agricultura prejudicada

"É mais um ônus para a agricultura", lamenta o seu Reinholdo Luis Kommers, presidente do Sindicato Rural de Ijuí, ao comentar as novas taxas de juros para o crédito agrícola, em vigor desde primeiro de janeiro. "Seguramente que com a retirada do subsídio o custo de produção vai dobrar, e o consumidor, mais uma vez, é quem realmente vai sair perdendo", diz.

Seu Kommers volta a reforçar o que já dizia por ocasião das alterações feitas em junho do ano passado, de que a retirada do subsídio vem prejudicar ainda mais a agricultura. "Para piorar a situação, o produtor totalmente descapitalizado pelas frustrações que enfrentou, não tem condições de formar sua lavoura com recursos próprios". Segundo ele, o desânimo é tão grande por parte dos produtores com relação a política agrícola do governo, "que tem muita gente se desfazendo de suas propriedades e aplicando o dinheiro na poupança, que é mais garantido e não tem tantos riscos. Quem vai ter a coragem de investir na agricultura com estes juros que temos?"

SAÍDA NA LAVOURA

O seu Albino Maximino Ghislene, de Augusto Pestana, também tem a mes-

ma opinião e diz que além do desestímulo, a retirada do subsídio veio para prejudicar a agricultura. "A saída para a crise está na lavoura. Se não produzirmos, quero ver quem vai fabricar o milho, a soja, o trigo. O governo em vez de procurar tirar o país do atoleiro, está invertendo a situação".

Imaginando que a variação da ORTN fique numa média de 10 por cento ao mês, ele pergunta: "quem vai ter condições de pagar financiamento deste jeito? Se alguém pega Cr\$ 300.000,00, imagina no final do contrato o quanto vai pagar só de juro?" O que vai ocorrer, segundo Seu Albino, é que o produtor vai guardar semente em casa e fazer sua lavoura sem adubo. "A produção vai cair, o que vai ser pior para nossa agricultura".

Para o seu Olyntho Tiecher, do Alto da União, em Ijuí, a situação da agricultura vai ficar "feia" com a retirada do subsídio. Vão sofrer não apenas os pequenos produtores, mas também os grandes, que terão de deixar de investir na lavoura. "Estes juros que o governo está aplicando na agricultura são violentos demais", reclama. O prejuízo na agricultura, na opinião do seu Olyntho vai ser grande demais, pois muito produtor vai passar a



Albino Ghislene: saída na lavoura

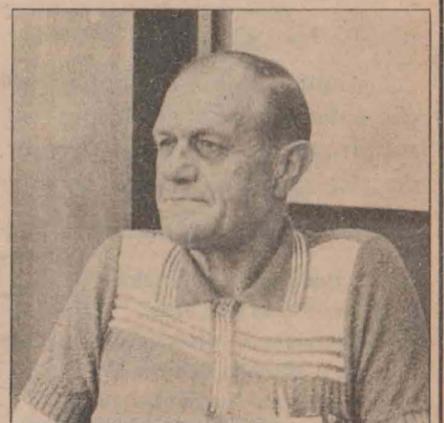
fazer sua lavoura sem nenhum trato. "Adubo, inseticida, herbicida, o produtor não vai mais poder pensar em usar na lavoura, que não tem dinheiro que pague".

Surpreendido com as novas medidas, seu Olyntho diz que vinha ouvindo falar que o governo ia tirar o subsídio do crédito agrícola, mas confessa que não esperava para tão logo. "Prá mim foi surpresa grande". Assim como está, ele não vê saída, a não ser tentar fazer a lavoura por conta, "sem pegar financiamento". "Nem maquinário não vai dar mais para comprar. Se hoje uma máquina custa Cr\$ 20 milhões, amanhã, considerando esse juro, o custo é de Cr\$ 40 milhões. Quem vai ter condições de comprar?" pergunta.

Por outro lado, o diretor da área de crédito rural e industrial do Banco Central, Kleber Leite de Castro, não acredita que a retirada total dos subsídios ao crédito rural possa surtir efeito negativo na demanda do crédito do setor agrícola. "As alterações feitas no crédito rural em junho", disse ele a Gazeta Mercantil "quando as taxas foram elevadas de 60 por cento fixos para 85 por cento da variação das ORTNs, mais juros de três por cento, já disciplinaram o processo de procura de recursos pelo setor rural". Segundo Kleber Castro, o produtor passou a empregar maior parcela de recursos próprios para formar suas lavouras, só tomando o financiamento quando este realmente se fizesse necessário.

O CUSTO DO DINHEIRO

A correção monetária, a exemplo do que vinha ocorrendo a partir de junho do ano passado será calculada no último dia de cada mês, e o valor apurado será somado ao dinheiro que o agricultor retirou como financiamento. Considerando que a ORTN teve uma variação de 7,6 por cento ao mês, a dívida do contrato sobre 7,6 por cento naquele mês (que corresponde a 100 por cento da variação do mês em questão). Supondo que no mês seguinte a variação permaneça em 7,6 por cento da ORTN, o aumento será de mais 7,6 por cento sobre o saldo devedor já acumulado. Exemplificando melhor, vamos considerar que o produtor pegou um financiamento de Cr\$ 200.000,00. Um mês depois, a sua dívida já é de Cr\$ 215.200,00. No mês seguinte, a dívida passou para Cr\$ 231.555,20, e assim, sucessivamente, vai crescendo, sempre considerando as variações estabelecidas para as ORTNs. Se no terceiro mês a variação subir para 8,5 por cento, por exemplo, a dívida passa para Cr\$ 251.237,39. A correção monetária fica, portanto, incorporada ao valor da dívida. Os juros do financiamento serão calculados em 30 de junho e 31 de dezembro, por ocasião do vencimento e na liquidação da dívida.



Reinholdo Kommers: custo vai dobrar

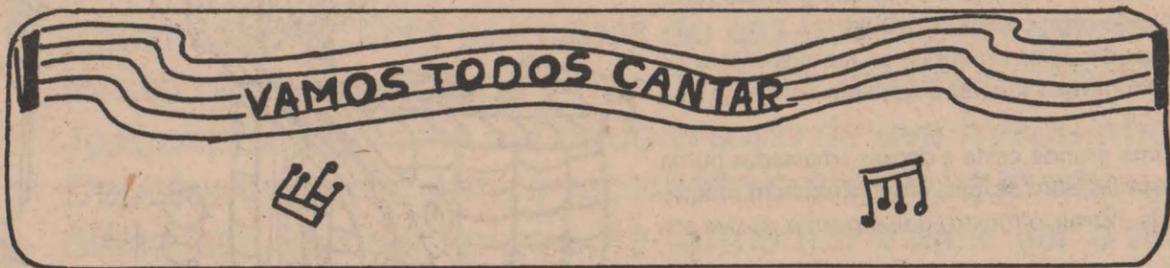


Olyntho Tiecher: pequenos e grandes



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI



O cravo brigou com a rosa



1 - O Cravo brigou com a Rosa
Debaixo de uma sacada.



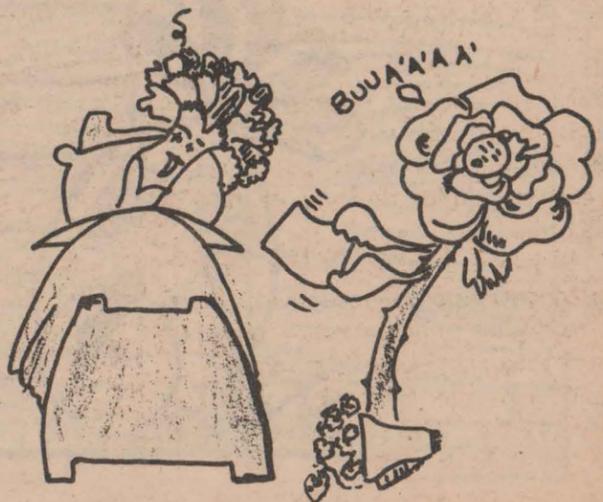
2 - O Cravo saiu ferido
E a Rosa despedaçada.



3 - O Cravo ficou doente
A Rosa foi visitar.



4 - O Cravo teve um desmaio
E a Rosa pôs-se a chorar.



Como nasce o vinho

A videira cresce, em geral, nas zonas temperadas, pois nestas regiões o calor do sol permite a boa maturação dos frutos.

As maiores zonas de cultivo no Rio Grande do Sul são: Bento Gonçalves, Caxias do Sul e Garibaldi.

O fruto da videira é a uva, e dela, depois de várias operações, se obtém o vinho delicioso.

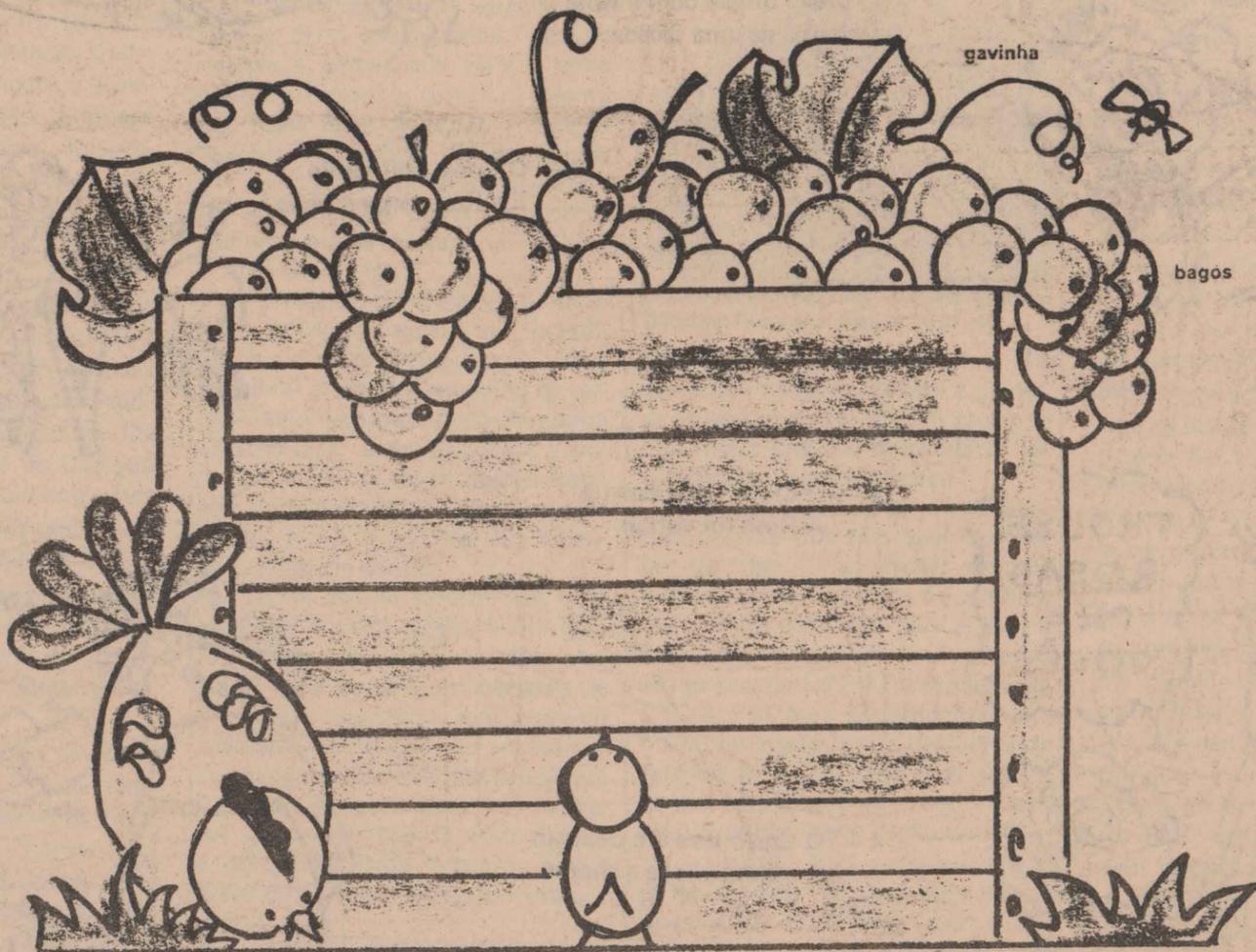
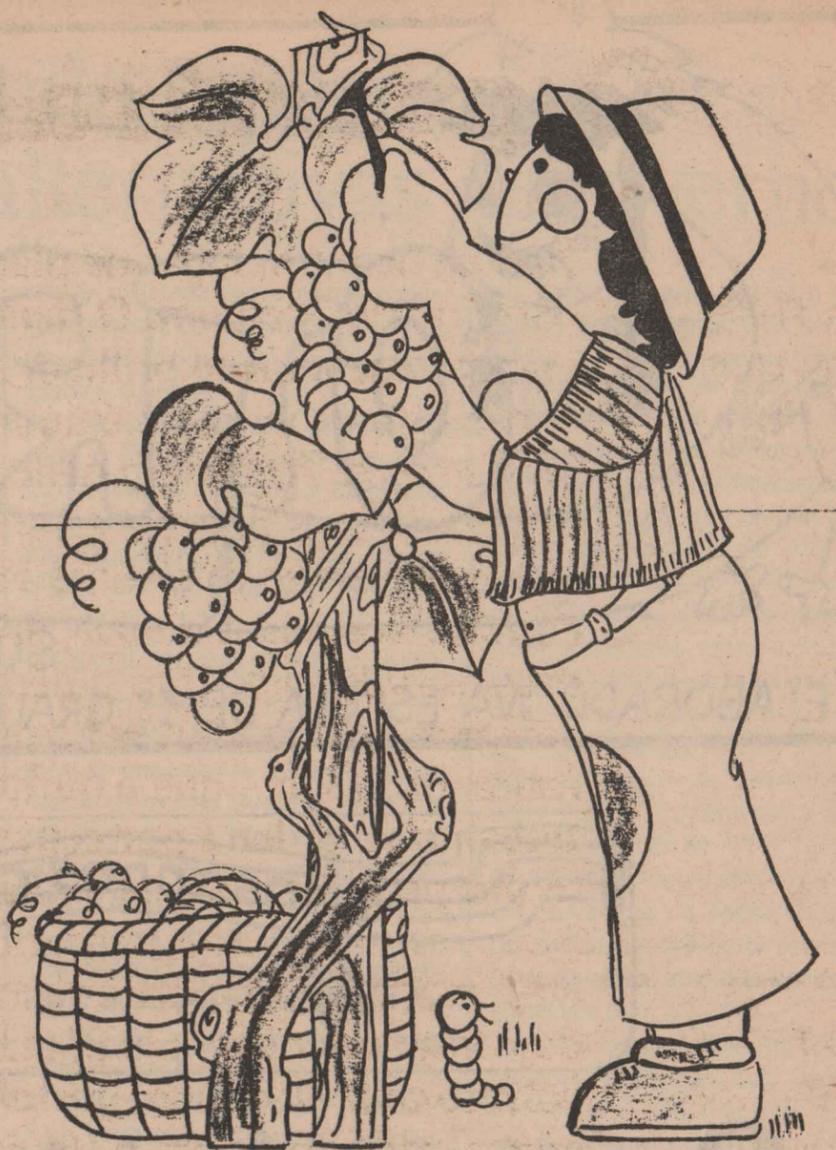
A videira possui hastes de madeira, como todas as árvores, com a diferença de que estas hastes são muito fracas, e não podem se sustentar sozinhas. Por este motivo, crescem de seus galhos uns pequenos ramos — chamados gavinhas, que permitem que a videira se prenda a outros troncos, estacas e arames, ficando, assim, em pé. A videira é uma planta trepadeira. O cacho da videira floresce na primavera.

Estas flores são muito ricas de néctar, e têm o poder de atrair todos os insetos, sobretudo as abelhas e mosquitos. Estas florzinhas, umas bem pertinho das outras, vão formando as frutinhas que são muito delicadas. Tanto, que até a água da chuva pode machucá-las. Por isto elas são recobertas por uma delicada película de cera, chamada pruina.

A vindima, que é a colheita das uvas maduras, se faz nos meses de janeiro e fevereiro no Brasil, e em muitos lugares é feita em forma de mutirão.

As uvas são recolhidas numa grande cesta e depois amassadas numa dorna. Antigamente eram amassadas com os pés. Hoje já existem máquinas especiais para esta função de extrair o mosto, que é o suco da uva antes de fermentar.

No mosto existem substâncias muito pequenas chamadas sacaromicete, que é o nome científico destes cogumelos ou fungos. Eles produzem o anidrido carbônico, um gás que sai através do líquido e que é absorvido pelo ar. A presença deste gás venenoso e perigoso faz necessário efetuar o esmagamento da uva em área muito ventilada. Sucessivamente, o mosto fechado nos barris se transforma em vinho, porque os pequenos sacaromicetes têm a capacidade de transformar o açúcar, que está no líquido, em álcool.



O parreiral do Joaquim

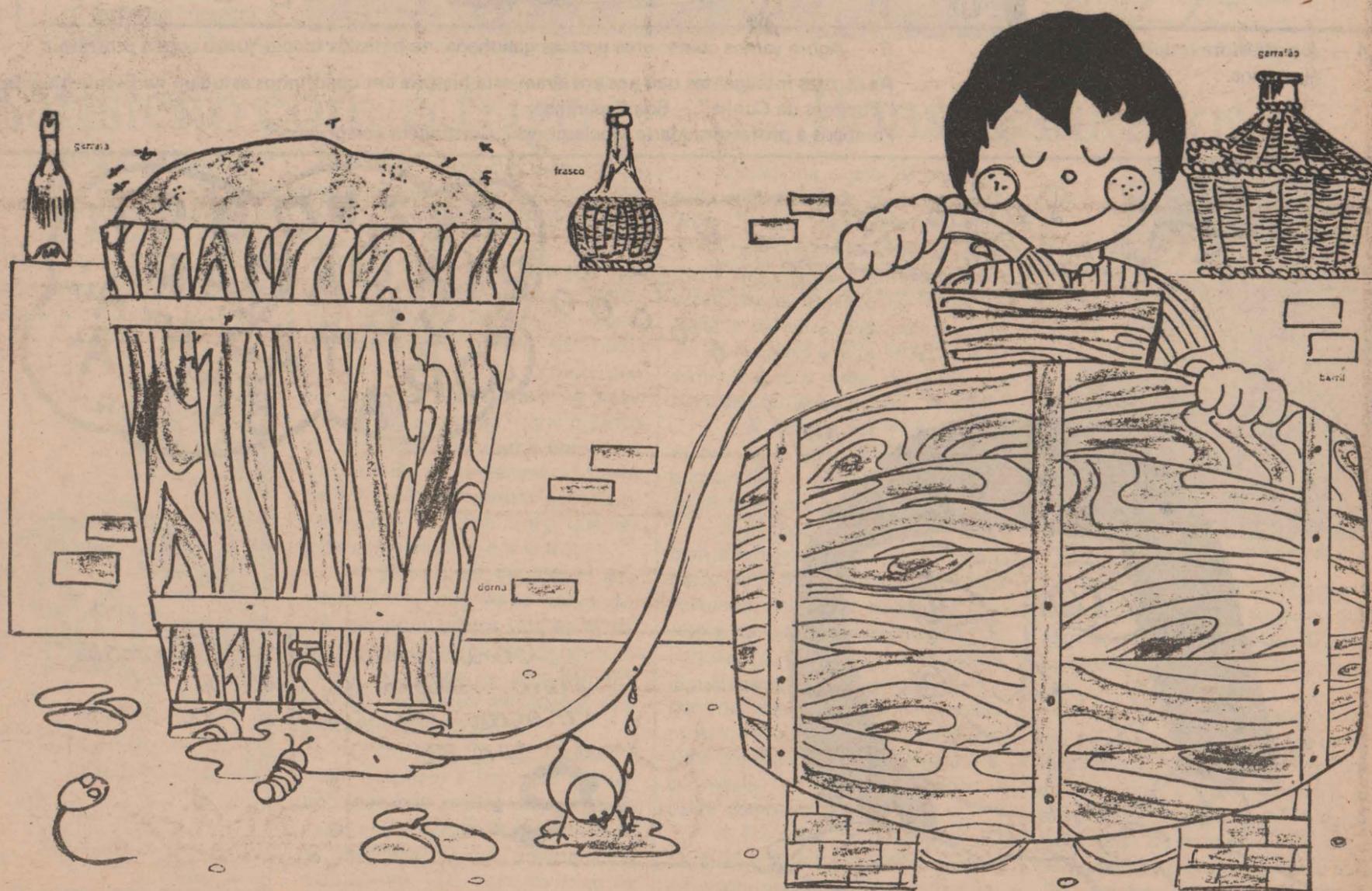
Não há nenhum lugar de plantio de uva tão belo quanto o parreiral do Joaquim. O rapaz é muito orgulhoso dos grandes cachos que brilham ao sol.

O período da vindima é uma grande festa para Joaquim e seus amigos. Arrancam delicadamente do pé os grandes cachos de uvas brancas e vermelhas, e as colocam numa caixa, enquanto as abelhas atraídas pelo líquido açucarado, contido nos bagos da uva, esvoaçam rondando as frutinhas, desejosas de sugar-lhes o néctar.

Joaquim coloca as uvas na pipa e começa a moê-las para ir retirando o suco, que é muito perfumado. O rapaz faz este trabalho ao ar livre por causa do gás que a uva exala, que é muito perigoso à saúde e não deve ser respirado. Os filhos de Joaquim se deliciam bebendo o suco de uva fresquinho.

Depois deste trabalho, é recolhido o mosto, que vai descansar em outra pipa para fermentar e alcançar o seu correto teor alcoólico, gosto e aroma deliciosos: Joaquim com prazer, transfere o líquido da pipa para um barril.

Ora, para Joaquim é difícil não experimentar um pouco deste vinho. Os resultados são muito engraçados: o rapaz acaba meio alegre e os seus amigos também.



Visita ao aviário

Texto: Simone Damaris Idalêncio - 11 anos
 Ilustrações: Leonice Moraski - 11 anos



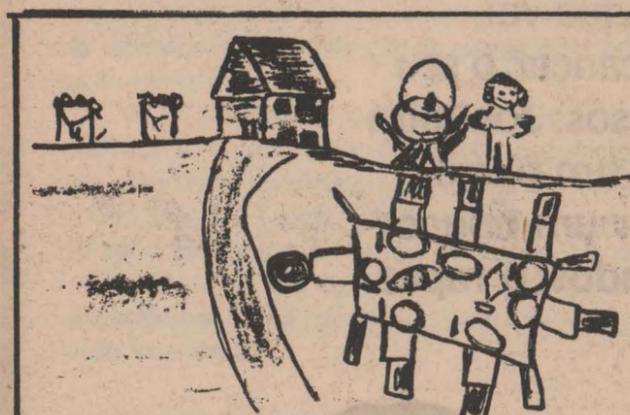
1 - Saimos da escola para visitar o aviário do Sr. Valdir Stolberg.



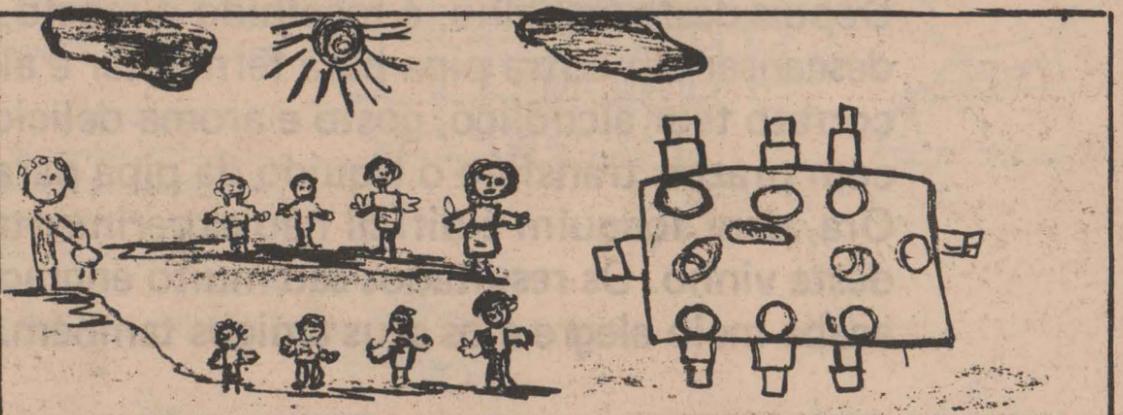
2 - Observamos as galinhas, porque estamos estudando sobre as aves.



3 - Ganhamos uma galinha e voltamos para a escola.



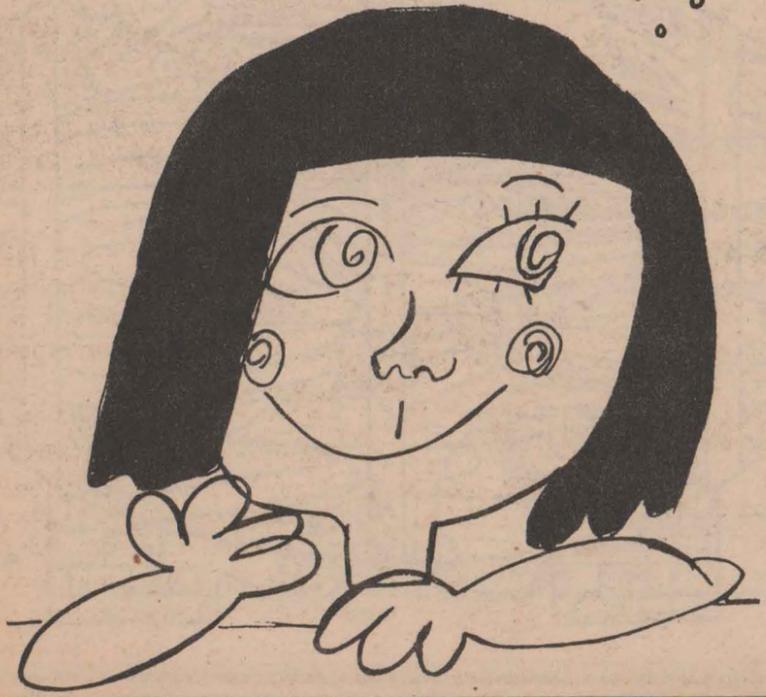
4 - A professora limpou a galinha e nós ajudamos.



5 - Agora vamos comer uma gostosa galinhada, no pátio da escola, junto com a professora

As garotas inteligentes que nos enviaram esta história em quadrinhos estudam na Escola Municipal "Euclides da Cunha" - Boa Esperança. Parabéns a professora Maria Mocieschoski. Continuem colaborando.

Decifra



Moraginha está pensando. Para saber o que é só colocar as letras na ordem de 1 a 31.

R: